

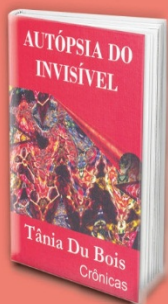
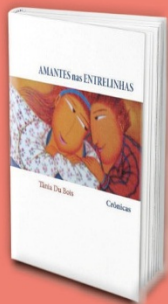
# ARTE em MOVIMENTO



Tânia Du Bois

"Arte é como a natureza:  
uma árvore não nasce  
do dia para outro"

Mariana Ianelli



# ARTE EM MOVIMENTO

CRÔNICAS

Tânia Du Bois



# ARTE EM MOVIMENTO

CRÔNICAS

Tânia Du Bois



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

E-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual  
Internacional;**

**4,0**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou

envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 19/10/2016

D815a Du Bois, Tânia

Arte em movimento [recurso eletrônico] : crônicas /  
Tânia Du Bois. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,  
2016.

1,89 Mb ; PDF.

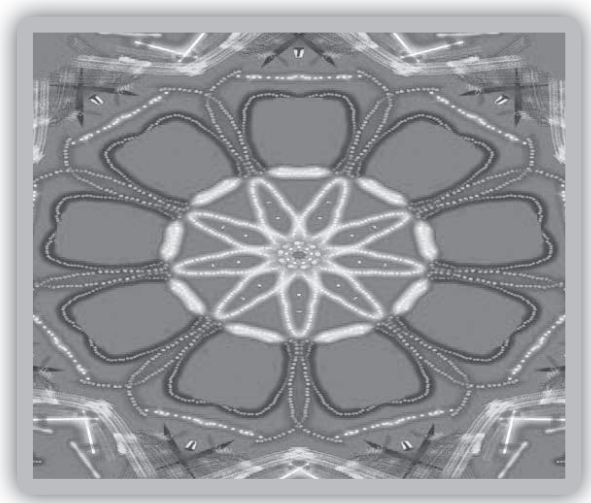
ISBN 978-85-8326-228-2

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.  
I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364



*a Marina,  
que faz da vida, arte.*





# SUMÁRIO

15	<b>1º movimento ARTES</b>
17	ARTE em MOVIMENTO (I)
19	ARTE em MOVIMENTO (II)
21	ARTE: EX-VOTOS
23	A ARTE DE VIAJAR
25	POESIA da IMAGEM: ARTE
26	A ARTE de CONTAR
28	ESCREVER com ARTE
30	“ARTE para CRIANÇA”
32	ARTE: DISCUSSÃO LITERÁRIA
34	ARTE da ESCOLHA
36	ARTE e LINGUAGEM
37	ARTE da SIMPLIFICAÇÃO e a BELEZA da SIMPLICIDADE
39	CARNAVAL e ARTE
41	PALAVRAS e ARTES em VIA RÁPIDA
43	FUTEBOL ARTE no GRAMADO
45	ENCONTRO das ARTES
46	A ARTE de PENSAR em MALAS
48	IMPRESSÕES DE LUZ: ARTE
50	ARTE: VOCAÇÃO e PAIXÃO

## 53 2º movimento LIBERDADE

- 55 HÁ LIBERDADE?
- 57 O SILÊNCIO da PEDRA
- 58 PRÓXIMA CONQUISTA: CONVERSAR
- 61 LUZES de OURO PRETO
- 62 HORAS GASTAS
- 64 UM OLHAR pelas IDEIAS
- 66 A RECONSTRUÇÃO do TRAÇO
- 68 TRAÇOS INSTIGANTES
- 70 SOLHA, a FORÇA da CULTURA
- 71 MUSA(S)
- 73 TRADUZINDO a ASPEREZA da PEDRA
- 75 CENAS DA VIDA
- 77 AQUARELA do VÔ LINO
- 79 PORTINARI, ENTRE TRAÇOS
- 80 A IMAGINAÇÃO é SUFICIENTE para
- 80 DESCREVER o MUNDO?
- 82 EM EXPOSIÇÃO GLAUCO RODRIGUES
- 84 CORTE(S)
- 86 YAMANDU COSTA: SENHOR DAS ÁGUAS
- 87 MULHERES, MUSAS? QUEM SÃO?
- 90 MENTE BRILHANTE
- 91 COMEMORAÇÃO
- 92 DIA FORA de HORA
- 94 A EXPRESSÃO no ESPAÇO GAÚCHO
- 96 INTERPRETAÇÕES
- 98 NOVAS ESCOLHAS
- 100 SOBRE O SENHOR das ESTÁTUAS
- 102 PALAVRAS LIBERTAM?
- 103 O OBSERVADOR

105 3º movimento TEMPO

- 107 VIVER tem PREÇO  
109 “MEU TEMPO é QUANDO”  
110 TEMPO DE DESCONFORTO  
112 DO TEMPO: REFLEXO e REFLUXO  
113 “O TEMPO não APAGOU”  
115 HÁ TEMPO para a LITERATURA?  
117 EM TEMPO  
119 JUNHO é TEMPO de QUERMESSE  
121 O TEMPO e o CONTADOR de HISTÓRIAS  
122 MOMENTOS no TEMPO  
124 DOBRAS do TEMPO  
126 EM TEMPO: “SERÁ QUE ELE É?”  
128 HOMEM (no TEMPO)  
130 NO RITMO, em TEMPO  
132 PÁTINA do TEMPO  
134 CONVERSAR com o TEMPO  
136 NATAL: TEMPO dos DESEJOS  
138 TEMPO da VIRADA  
140 TEMPO: SOM ABSTRATO



## PREFÁCIO

Tânia Du Bois é a própria arte em movimento.

A possibilidade de aproximar-me - antes de você, leitor - dos significados, das finas percepções de Tânia, fez-me leitora a princípio atenta, para, desde as primeiras páginas, num crescendo, tornar-me profundamente comovida com a sensibilidade da minha querida amiga, que adentra o mundo das artes com a autoridade de quem conhece a alma criadora. Tânia respira arte e transcende em essência, poeticamente, em crônicas.

Segundo Tânia “apreciar os campos verdes é muito mais que o jardim de casa”, o que justifica seu voo expressivo, feito uma águia curiosa, por sobre as manifestações artísticas, que colorem e vivificam nosso tempo. Tânia revela-se intérprete do que há de mais profundo na alma de quem cria, de quem contribui com a arte na literatura, nas artes plásticas, nas manifestações populares, na música, no futebol.

Tânia é a própria expressão plástica, que interpreta aqueles que, incapazes de guardar dentro de si a emoção criadora, transbordam. Ela, assim como Mario Quintana - um dos muitos citados na obra - reconhece nos rabiscos das crianças, ao manifestarem-se riscando paredes, como nas garatujas dos muros, o que vai na alma da garotada.

Arte em Movimento é puro amor por que encerra em si a poética literária de Tânia. Revela uma mulher apaixonada, cheia de percepções e de sentidos. A investigação artística dela não consegue esgotar nem reunir toda a sua visão particular de mundo. Vem mais por aí, espero. Tânia é densa, desassossegada, por que, como ela mesma manifesta, “escolhemos nos desarmar dos preconceitos e identificar não apenas o que somos, mas o que seremos”.

Tânia é sempre nova e em seu devir segue seu percurso fecundo, sempre atento, colhendo as pérolas com que se depara. Nada passa por ela sem que seus sentidos se agucem, fiquem em alerta, para depois transformarem-se em algo grande, cheio de significado.

Portanto, apresento-lhes um aperitivo em preparação ao prato principal, que são as páginas artística e plasticamente organizadas, as quais refletem a minha querida amiga irrequieta, plena de maturidade perceptiva. A sobremesa fica por conta das ilustrações onde se encontram os grandes amores da sua vida. Tânia está nesta obra por inteiro esculpindo seu texto com os cinzéis de poetas, ensaístas e escritores que, ao longo da construção de seu acervo particular, enviam-lhe mensagens cuidadosamente garimpadas. E Tânia aproveita as nuances literárias de cada um e cada uma de suas escolhas. E ela as colhe com generosidade, com paixão.

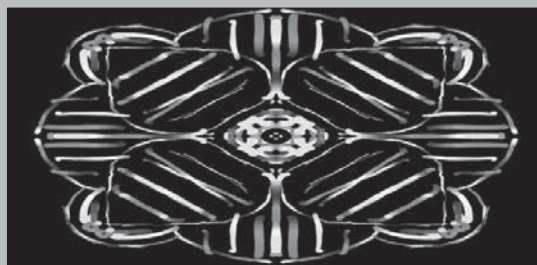
Aproveitem este fruto maduro de rara beleza e plenitude. Tentem como eu encontrar todos os sabores plenos de vida com que ela recheia páginas e páginas da mais fina criação artística. A obra ajuda-nos a vislumbrar o que queremos ser.

Sueli Gehlen Frosi  
Escritora,  
membro da Academia Passo-Fundense

# ARTE EM MOVIMENTO

*"Quando as sombras se iluminam / em  
meu peito / - flores espelhadas - / abraço  
o eterno // horizonte / que com ARTE me  
revestes // e onde tua luz me veste..."*

(Carmen Presotto)







## 1º movimento ARTES

"Toda a obra de arte é filha do seu tempo e,  
muitas vezes, a mãe dos nossos sentimentos".  
(W. Kandinsky)





# ARTE em MOVIMENTO

## (I)

Arte em Movimento é o encontro cultural entre a arte de pensar, de ler, de escrever e pintar. Os artistas e poetas trilham o caminho “das vitrines” e mantêm seus estilos próprios, fazendo-nos fugir do lugar comum ao estimularem a sensação de bem estar como ferramenta para equilibrar e apaziguar o nosso dia a dia. Nas palavras de Max Martins, “*Tu me lê / tu me vês / (talvez)...*”

A arte de pensar tem movimentos que renovam a palavra, o gesto e o espírito. Segundo Jorge G. Cafruni, “*A arte em geral, é ela a expressão ideal do sentimento... Só podemos dizer que uma obra literária é boa, quando ela nos prende e arrebatada, quando nos faz vibrar de emoção.*” E para Craci Dinarte, “*... Escrever é minha voz / que fala no silêncio, / são os meus olhos / que veem no escuro...*”

A arte de pintar nos dá a verdade transfigurada em cor e traços com múltiplos significados, onde o artista com criatividade transforma em imagens o que nos leva a compreender os fundamentos da obra. Miriam Postal, artista plástica, expressa, “*A pintura, a Escultura, a Palavra são interligadas. A arte e a vida prática estão interligadas. A arte serve para a pessoa desenvolver sua própria capacidade. O importante é cada um buscar sua imagem*”.

Arte em Movimento nos leva para as correntes da poética a revelar onde podemos ver a marca da liberdade e do equilíbrio entre a percepção e a beleza das cores e das palavras.

Esse encontro permite o fluxo iluminante ao transmitir seus registros, que tocam tanto o coração, quanto a significação dos gêneros, proporcionando reflexão: percebemos o sentido da obra, buscamos a cumplicidade e alimentamos a alma. Na visão de Sandra K. Rorato, “*A arte tem de deixar de ser vista apenas como ornamento, para ter um*

*compromisso com a vida das pessoas e da humanidade... hoje, a arte é para ser vista e vivida”.*

Arte em Movimento é desafio que resplandece com criatividade, sacudindo a mesmice do dia a dia. Ainda, revela a trajetória da criação e seus significados em momentos únicos, dando sentido à profundidade do instante no condensar aspirações e ao ganharmos ressonância, como demonstra Pedro Du Bois, *“Na poesia / desenho // sentimentos em palavras... / o traço exhibe todas as curvas / carrega nas cores //... na poesia / rabisco // e o desenho se faz presente / nos olhos de quem vê”.*

## ARTE em MOVIMENTO (II)

*“De quantas gotas se farão as águas...”*  
(Ernani Rosas)

Águas são artes em movimento, representam mudanças de rumo na produção literária, como nos poemas de Carmen Presotto, *“Vidrágua // Porque chove / Tudo é água / que empoça e embacia / Tudo é lágrima / que sublima, condensa e lava // Porque choro / Chovo mais que o céu / Transbordo-me / Parto palavras / Como se ossos se liquefizessem...”* e de Lindolfo Bell, *“Águas entre águas // Em outras águas. / As chamadas entreáguas. / Onde a dor liquefaz o homem e o derrama em lágrima / sobre a própria face. //... Em águas / vindas de inesperadas vindimas da constatação / o homem se vê / no espelho das águas / e vê mais do que o espelho pode ver”*.

São poemas em transição, isto é, suas águas têm movimentos que renovam a palavra, não as repetem e tem como característica a descontinuidade, passando pelo processo de transformação, mas sempre conservando sua unidade.

Digo que vão além do significado, que vão mais fundo, que são levados pelas correntes literárias mais avançadas. No entanto são transparentes ao significante como natureza poética.

Vejo nos poemas de Carmen e Lindolfo o compromisso para com a sensibilidade e, ao mesmo tempo, em textos despojados, revelam uma criação poética com questionamento no campo da estética e da linguagem.

A ponte entre eles são as águas pensadas como alvo, que contam através da poesia a trajetória dos momentos marcantes às margens da arte, como jogo de sons em que se pode sentir o desejo da liberdade, provocando modificações expressivas: concordo que há

sempre movimentos de correntes subterrâneas - e subjacentes - que mantém o equilíbrio entre a percepção e a beleza das palavras, mesmo que saturadas de significados.

No movimento das águas temos o encontro cultural entre fontes da poesia, capazes de condensarem as aspirações com que as palavras ganham ressonância em nossa memória. Nas palavras de Dora F. da Silva, “As águas do tempo refletem as paisagens da alma”. .

## ARTE: EX-VOTOS

A arte estimula a introspecção e a reflexão, podendo levar à transformação. Na arte, pode-se curtir o instigante, o bom e o belo. Ela existe e está aqui para quem puder e quiser apreciar.

Olha-se para um lado, olha-se para o outro e diante do panorama que se descortina é oportuno salientar o artista plástico Antônio Maia, que nasceu em 1928, em Sergipe e viveu no Rio de Janeiro desde 1955, onde faleceu em 12 de julho de 2008. Foi pintor autodidata.

Maia foi um artista figurativo que sempre se preocupou em resgatar a iconografia popular do Nordeste e a transpor para o plano da arte erudita. Ele converteu suas pinceladas na captação da individualidade e da totalidade das pessoas, como reflexo da religiosidade.

Já no início da sua carreira procurou compor nas telas os símbolos religiosos e populares no Nordeste, com especial predileção pela figura do *Ex-voto*, em homenagem Pedro Du Bois compôs, “*Ex-votos / agradecimento puro / dos incautos // Mas, e se houve / a cura? // Ex-voto / maneira pura / de agradecer o feito. // Mesmo que nada / tenha sido feito. // Ex-voto / exhibir as peças / para os futuros / incautos*”.

Sintonizado na crença popular, Antônio Maia retratou, em figuras estilizadas de cores puras e traços definidos, os *Ex-votos*, como proposta de que há algo além da dimensão humana, representado no agradecimento pela graça alcançada, levando-nos a refletir sobre a grandeza de se estar em comunhão com o divino.

Hoje, podemos ver *Ex-votos* confeccionados em cerâmica ou madeira, presentes em igrejas, como pagamento pelas curas, milagrosas, alcançadas.

Maia, em seus últimos anos, trabalhou a “humanização” dos *Ex-votos* em sua obra, com sentimento mais aproximado da verdade popular e, ainda, os apresentando em “colagens”, bem como passou a clarear e a refinar a sua pintura, inserindo-a no nosso cotidiano.

Ao bater os olhos na obra de Antônio Maia, principalmente nos *Ex-votos*, percebo as cores, a harmonia das formas, o ritmo dos traços e a sensibilidade lá revelada. Walmir Ayala escreveu que *“Maia reflete, por vezes, na cor a oscilação espiritual do seu cotidiano, a humana contingência da percepção vivenciada”*.

Segundo o crítico de arte, Geraldo Edson de Andrade, *“Com sua morte, a pintura brasileira perde um intérprete que aliava a ingenuidade carismática da promessa, representada pelos ex-votos, ao lirismo poético de sua criação”*.



## A ARTE DE VIAJAR

A vida nos exige muito e, com tantos compromissos, tentamos relaxar nas pequenas coisas, para tornar o dia a dia especial, como viajar, que está diretamente ligada a nossa satisfação. Cada um é diferente e quer chegar a lugares diversos. É uma das formas de sonhar com a realidade, além de nos inspirar para aumentar as fronteiras provando que na beleza natural está a alegria de viver e o vigor na disposição para estarmos no lugar sonhado.

De certo modo, conduzimo-nos para perto da realização. Nas palavras de Getúlio Zauza, *“Ó brisa do Sul / que roça meu devaneio! //... Amoleço. / Estremeço. / E esqueço-me do tédio. / Que santo remédio / é a brisa do Sul.*

Quando viajamos, conduzimos o tempo para descobrir o que podemos fazer ou desfazer para nos desvencilhar da rotina diária e deixar “rolar”, como pedras ao longo do caminho, para encontrar o sentimento como expressão; como no poema de Cassiano Ricardo, musicado por João Ricardo e gravado pela primeira vez em 1973, pelo grupo Secos & Molhados, *“Nos fios tensos da pauta de metal / As andorinhas gritam / Por falta de uma clave de sol”.*

Sentimos, por vezes, que temos “asas” quando a viagem se torna o respiro para nos reinventar: sem horários para cumprir e sem o toque do telefone para resolvermos as questões. É o ponto da virada, porque fizemos a opção pela viagem e deixamos o desejo ir ao encontro do tempo, como real sentido do lazer, onde nos entusiasmos com o novo e mesclamos razão e emoção.

Na arte de viajar reconhecemos, emocionalmente, nossa força como referência a sinalizar o que pode ou não provocar nossa curiosidade ao avaliar (viver) a ruptura como caminho próprio. Como poetiza David de Medeiros Leite, *“a poeira da memória / a avidez do presente / o sol do porvir...”*

Viajar é arte para nos confrontar com a variedade de paisagens que geram ações para experimentarmos o que está ao nosso alcance e refletirmos sobre o novo. Assim, ficamos na expectativa, quando nos colocamos no tempo para sentir que a viagem segue caminhos de ampliação da consciência, construindo a arte de viver; o que, nas palavras de Jorge Xerxes, *“É da diferença que resulta a existência; / toda ela”*.

## POESIA da IMAGEM: ARTE

Buenos Aires é especial e nos recomenda uma visita à Praça denominada Julio Cortázar; tem esse nome em homenagem a um dos maiores escritores argentino. Três manifestações de modernidade incidiram na formação de Cortázar: o romantismo, o existencialismo e o surrealismo. Sua principal obra é *O Jogo Da Amarelinha (RAYUELA)*, que o marcou de forma indissociável dentro da narrativa contemporânea: “... *as fronteiras terminam e os caminhos se apagam...*”

Na praça Julio Cortázar está concentrado restaurantes, bares e, principalmente, redutos de artistas alternativos, como os artesãos “*chiques*”. Encontram-se belas obras de arte e, entre elas, destaque o artista plástico Miguel Mateu com sua tela surrealista *La Modelo* nos tons da paixão e de sentir o coração em liberdade; uma inspiração que ilumina a verdadeira poesia da imagem.

Na surpresa da curva, abre-se para a Rua Jorge Luis Borges, com seu casario dos anos 30/40; parece suspensa como nas telas e bonita como um poema, digna da homenagem ao nosso poeta Borges. E, ainda, regado ao som do maestro “*tanguero*” Astor Piazzolla, verdadeira imagem da poesia.

A praça Julio Cortázar brilha ao confrontar a participação do escritor, pintor e o músico, com os diversos modos de se encontrar com o público no mesmo espaço, uma verdadeira imagem da poesia.

É tradição a sua feira semanal; o encontro marcado com a cultura, verdadeira poesia da imagem; como encontramos nesse poema de Borges, “*Um pintor prometeu-nos um quadro /... senti, como outras vezes, a tristeza de compreender que somos como um sonho. / Pensei no homem e no quadro... /... Pensei em um lugar prefixado que a tela ocupará. / Pensei depois: se estivesse aí, seria com o tempo uma coisa mais,... qualquer cor e a ninguém vinculada. / Existe de algum modo. Viverá e crescerá como uma música e estará comigo até o fim...*”

## A ARTE de CONTAR

Era uma vez uma avó que, antes das netas dormirem, contava histórias usando vozes diferentes para interpretar os personagens. As netas acompanhavam encantadas, imaginando castelos, princesas, bruxas, animais, enfim, o que havia de significativo em cada aventura.

O final era igual ao dos contos de fadas: todas dormiam felizes. A avó por sentir haver contribuído para a educação das netas e, elas, pela oportunidade de sonharem acordadas.

Era uma vez... Contar histórias para a criança é uma arte. É ótima oportunidade de estreitar os laços familiares e ainda incentivá-la a dar asas à imaginação. É o momento em que a criança percebe que os adultos sentem e pensam como ela.

O hábito de contar histórias é essencial para as crianças aprenderem a elaborar e exercer o raciocínio crítico; desenvolver a criatividade e as suas fantasias. Nada é mais mágico que a imaginação da criança.

Ouvir histórias, essa postura faz com que a criança sinta que está tendo a chance de sonhar acordada. Ao liberar as suas fantasias, a criança compreende o mundo em que habita e aprende a lidar com as suas emoções. Cada personagem apresenta um significado para o desenvolvimento do universo infantil.

A arte de contar histórias é importante para o desenvolvimento emocional e para a aquisição de conhecimentos; aprendem a lidar com a realidade de forma lúdica e a exercitar a capacidade de aceitar a vida, o amor, a morte e os conceitos éticos, ajudando-a a entender a vida.

Não existe fórmula “correta” para contar histórias, nem lugar adequado. O que vale é a dedicação e a vontade. É preciso fazer parte do mundo infantil, o que na prática significa sentar no chão, ajoelhar-se e ser espontânea.

Caso não se sinta à vontade para interpretar a história, simplesmente leia com o livro nas mãos, para as crianças “verem” a leitura, despertando nelas a emoção e o interesse, envolvendo quem conta e quem escuta.

Não importa qual seja a história que se conte ou que se leia - as fantasias dão o exemplo para que as crianças comecem a entender o até então inexplicável.

As crianças gostam de contar e precisam ouvir histórias; através do lúdico e da magia da leitura vão descobrindo o mundo fantástico da criação e se preparando para enfrentar melhor as dificuldades impostas pela modernidade.

Agora, conto uma história: Era uma vez, uma criança nascida na Rússia, em 1919, que desde os seus 10 anos de idade mora no Brasil. Quando jovem, vivia no meio dos livros e seu pai foi um grande contador de histórias. Então, Tatiana Belinky tornou-se a maior contadora de histórias infantis e re-contadora de contos populares. Sempre teve paixão em divulgar a literatura, a poesia, a linguagem e a leitura. Com dedicação, entrou para o mundo da literatura infantil, promovendo a leitura e o livro através do teatro.

Tatiana dirigiu a primeira adaptação do Sítio do Pica Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, em 1951, para a TV Tupi. Recebeu o Prêmio Jabuti - Personalidade Literária do Ano 1991. É escritora de literatura infantil, com mais de cinquenta livros publicados. Seu primeiro livro foi “Limeriques da Cocanha”, onde ela explora o imaginário daquela terra inexistente: *“A vida ali é um deleite / Suave tal qual puro azeite / Na bela Cocanha / O povo se banha / Em rios de mel e de leite.”*

Belinky, ainda aos 91 anos, era escritora, contadora de histórias, que encantava leitores infantis e nunca se sentia só, por que sempre estava acompanhada da sua imaginação.

## ESCREVER com ARTE

“Escrever é partilhar.  
Partilhar ideias e expressões.”  
(Jorge Xerxes)

**A**centuo a importância de escrever, no sentido maior, diante da realidade, ao realçar a lógica: perceber e conhecer as coisas. Todos têm histórias para contar: alegres ou tristes. Somos o resultado das nossas leituras. Segundo A. Alvarez, “*Escrever é buscar a espontaneidade*”.

Escrever com arte “é atividade sem sossego” e tem engajamento com a vida. É buscar no processo criativo as múltiplas realidades, porque expandir a realidade é transformá-la, e estar atento ao sentido do que se escreve e se lê. Não a verdade do mundo, mas a verdade que temos em nós, os novos olhares sobre as questões culturais e, em um planeta globalizado, a necessidade do aprendizado, no verdadeiro sentido das palavras. A arte de escrever, para Mario Quintana, “*é por essência, irreverente e tem sempre um que de proibido; algo assim como essa tentação irresistível que leva os garotos a riscar a brancura dos muros*”.

Este mundo de ambiguidades sobre o escrever, mostra o *eu* de cada escritor e o que ele se determina como tal. Equilíbrio que faz a diferença e demonstra o talento de cada um. Encontro em Pedro Du Bois, no seu livro *A Mão Que Escreve*: “... *escrever na saudação do dia / esse dia não tem fim.*” e, em João Cabral de Melo Neto, “*escrever é sacrifício / que se mede pelo avesso: / de um lado o prazer do ofício, / do outro, o caminho crespo.*”

Ao escrever usamos metáforas para descrever o mundo, a paixão, a dor, os sons e os ritmos da vida. O que nos permite buscar o essencial dos significados e significantes, com nossas diferenças de es-

tilos: liberdade, que muitas vezes, propõe um caminho para encarar a vida com leveza. Como o livro de ensaios, *A Escrita, O olhar e o Gesto*, de Maria Dos Prazeres Gomes.

As diversas escritas anunciam o mundo da imaginação revelado em palavras e expressões, que assumem aspectos mágicos: horizonte lírico e a forma intensa numa coesão de palavras em que o tempo nos lê, como mostra Fernando Andrade, “... *Escrevo para / Marcar o tempo / Passar o tempo / Lembrar o tempo. // Às vezes / preciso mais, / Às vezes / Menos.*”

Em qualquer tempo, do tempo, na hora de escrever adotamos nosso pensamento ao criar no verso e na prosa as palavras reflexivas, os segredos, a análise do mundo, a lucidez da visão, a solidão, o amor, o descaso, a ironia e a fantasia. Isso pode definir a maneira de escrever a ser consolidada com o leitor, para que ele reconheça e torne efetiva a igualdade de gênero e a diversidade de obras, como em Álvaro Campos: “*Depois de escrever, leio... / Porque escrevi isto? / Onde fui buscar isto? / De onde veio isto? / Isto é melhor do que eu... / ... alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?...*”, e Liris Letieres, “*O que escrevo às vezes, estanca / como sangue coagulado / Para, suprime a palavra / cala a boca, o pulso. / O que escrevo às vezes, despejo / Como jorro, aflora / Despenca peito a fora...*”

## “ARTE para CRIANÇA”

Visitando *sebos* na internet, encontrei a coleção Arte para Criança - edição de julho de 2003. E, como bem disse certa vez o poeta Cleber Teixeira, “*Um livro só ganha vida própria após transitar por um sebo*”.

Arte para Criança é projeto de arte-educação, com o objetivo de homenagear o público infantil e retratar o esplendor por certas palavras, certas formas, certas cores. É um projeto que se preocupou em usar a linguagem infantil para a criança ampliar o conhecimento sobre as artes e vivenciar textos e imagens de maneira criativa. O mundo dos homens e suas artes, representados em livros, com a finalidade de unir a arte plástica com a literária.

A coleção é composta por vários volumes e desejo falar em especial do livro *Navio Das Cores*, onde se encontram gravuras de Lasar Segall, artista que espelha sensibilidade e emoção através do seu trabalho. O livro foi escrito baseado na história da sua vida.

A história contada pelo escritor Moacyr Scliar configura o encontro do artista com o escritor e oportuniza ao leitor dialogar com o texto e a gravura e ainda penetrar naquele universo mágico.

O livro é um encanto: pintar e historiar são a melhor parte a ser vista e vivida, como em Scliar: “... *Como a história que agora vou contar, a história do menino que adorava letras. / Ele as adorava desde muito pequeno. / Porque o pai trabalhava com isso, com letras. / Era copista. / Esta profissão, praticamente não existe mais. / Os livros são feitos em máquinas. / ... Como o pai, o menino queria desenhar letras. / E desenhava letras, desenhava muito bem, tão bem que o pai se admirava: / - você copia tão bem quanto eu - dizia. / Mas então o menino descobriu que queria fazer mais do que copiar. / Ele queria desenhar. / ...E assim, desenhava, preto sobre o branco / Também aprendeu a fazer gravuras. / E o menino estava descobrindo: / dá para contar uma história falando. / Dá para contar uma história escreven-*



*do./ E dá para contar uma história, talvez toda a história de nossa vida, através de imagens...”*

Moacyr Scliar, gaúcho de Porto Alegre e Lasar Segall, russo, de Viena, Lituânia, juntos nessa obra, incentivam a leitura ao oferecerem uma história rica em emoções e bela em gravuras.

Acredito que o contato com diferentes culturas contribui para o crescimento intelectual, despertando na criança que tudo é possível no reino da imaginação. Não importa qual a história que ela leia, as fantasias são exemplos para que a criança comece a entender o até então inexplicável. E, através da magia da leitura, descobrir o movimento fantástico da criação nessa Arte para Criança.

## ARTE: DISCUSSÃO LITERÁRIA

Com certeza, passamos por transformações, mas, a questão da literatura ainda está arraigada entre o leitor e o escritor, fosse mera discussão literária, momento de abrir portas e manifestar a opinião. Dar som à voz para marcar a visão crítica da história.

A questão principal são os escritores que marcaram seus tempos e, por vezes, precisam ser resgatados para serem lembrados; porque ficam escondidos onde se reconhecem e se encontram consigo mesmos e com suas próprias histórias.

Ao juntar o prazer e o conhecimento, direciono o olhar para a porta, que está iluminada, eis que mostra o que ficou da mente de cada autor. Por exemplo, W. B. Yeats, que marcou o seu tempo com a sua última prosa poética, *Purgatória*, no ano do seu falecimento, 1939. São textos que expõem seus ideais políticos, filosóficos e religiosos. A publicação desses textos na época foi como um “relâmpago” partido ao meio, pelas transgressões das expressões, que suas ideias continuam atuais. Por consequência, o sonho prosseguiu e permanece, tornando-se o cenário de expressões que se transformaram, no decorrer do tempo, em novas imagens. Yeats pergunta, “há alguém aqui além de nós?”

Diante da porta aberta, vejo a descoberta instalada entre diferentes formas de escrita. A imaginação passeia pelo tempo trazendo a diferença na vida que precisa ser abordada em novas releituras e, assim, criar situações que não roube o nosso “precioso” tempo.

O desejo de reler certa obra é ideia que costuma ficar no pensamento e, muitas vezes, faz parte da rotina no descobrir mais e mais sobre esse ou aquele escritor como, por exemplo, a poesia de Álvaro Moreyra, Roberto Piva, W. J. Solha, Orides Fontela e Leila Mícolis, que não fazem concessão aos argumentos e mostram suas “caras” através de estilos imersos no mundo dos sentidos. Assim, tenho a

oportunidade de sentir o “tempero” de cada autor, descobrir os seus talentos que alimentam a minha imaginação.

Isto equivale dizer que, ao trazer de volta a discussão literária, trago a cena entre autores, textos e tempo, que marcaram seus círculos e o ulterior desenvolvimento da poesia ligado à visão crítica, já que eles descrevem as diferenças e plantam a inquietude como artefato na poesia e, com liberdade, deixam suas marcas onde o tempo se desdobra.

Isto é, ao resistirmos na impossibilidade, na tensão da vida prática, no desassossego das esperas, no movimento do trânsito e pararmos de perguntar sobre as horas, abriremos a porta que irá além do tempo, na possibilidade de pensar pela força da arte, conduzidos pelos sentidos como expressão última do autor. Comparo o ontem com o hoje, tenho consciência para me posicionar de maneira crítica e a liberdade para atravessar a porta e escolher quem quero ler. Se isso me deixa feliz, por que não fazer? Hoje, avalio o tempo onde a liberdade é “sonho” para ser espalhado pelo caminho das artes ao revelar o “simbólico” da vida. Ainda em Yeats, encontro que “... *Portas se abrem, portas se fecham, / Noites vão, dias vêm; aqui e acolá, / Por montes e vales, eu carrego essa mala, / Ouvindo sua fala...*”.

## ARTE da ESCOLHA

Nem sempre estamos dispostos a escolher entre isto e aquilo. Pensamos duas vezes antes de escolher, que é a ação, a postura ou a palavra que podem deixar a vida em estado de ternura ou não.

As escolhas e as diferenças temperam a vida. As preferências, por vezes, são atitudes limitadoras, por isso, é fundamental perceber o que está ao nosso alcance e em nossas mãos, na maneira como reagimos. Pois, quando há equilíbrio na escolha é que começamos a entender a arte de viver. Cacaso reflete, “... *Quero a palavra que traduza / a medicina dos anjos, / a virgindade anterior ao pensamento. / Quero a nuvem que me habita, / não / sua forma profanada*”.

A arte da escolha está em examinar o que há de relevante em nossa vida; avaliar nossas opções, sem paixão, e indagar: o que está sendo decidido hoje? O que é certo para o momento? Cortar o cordão dos valores, ideais e sonhos, ou não? Ao nos reconhecer enfrentamos as verdadeiras intenções da nossa alma, como expressa Cláudio Schuster, “*Não há tempo a perder / fica comigo / depois / é um tempo / que não existe / é um lugar triste / porque não é um lugar // depois / é o amanhã que não há // dói tanto / que nem sei / dói tanto / que esqueci*”.

Vários são os momentos em que nossos instintos gritam por uma decisão, e nos fazem repensar por uma escolha melhor, mas, muitas vezes, o que nos falta são argumentos para nos defender da escolha tomada.

Na hora em que nos questionamos para definir o certo e o errado; o claro e o escuro; o sim e o não; deparamo-nos com situações misteriosas, onde nos escondemos. Para nossa ajuda escolhemos nos desarmar dos preconceitos e identificar não apenas o que somos, mas o que seremos. Assim, atuar de modo objetivo para fugir das crenças e mitos em relação ao novo caminho.

Na medida em que aceitamos encarar o novo com segurança, carinho, respeito e, principalmente, diálogo, estamos prontos para buscar as nossas respostas. Segundo Orides Fontela, *“Nunca amar / o que não / vibra // nunca crer / no que não canta”*.

Ao nos prender em convicções sólidas e amorosas, reconhecemos que a arte de escolher não é ilusão, mas, a força do nosso caráter, que nos assegura na hora de decisão. Assim, renovamo-nos e ocupamos o nosso espaço; fazemos a diferença entre os iguais, crescemos à sombra da escolha para alcançar a luz - no melhor sentido - que ainda nos aguarda em mistérios. Para Orides Fontela, *“Esconder (esquecer) / a face // soterrar (ocultar) / a luz // escurecer o / amor / dormir. // Aguardar o que nasce”*.

Desvendamos o novíssimo. Até que ponto escolhemos nosso destino? Estabelecemos relações com o silêncio? Com as lembranças, a saudade? Os questionamentos? Os sentimentos? Combatemos o que faz mal ao coração, para revigorar o tempo e acompanhar o nosso ritmo, porque sempre estamos em busca da arte da escolha. Segundo Orides Fontela, *“Sempre é melhor / saber / que não saber. // Sempre é melhor / sofrer / que não sofrer. // Sempre é melhor desfazer / que tecer”*.

## ARTE e LINGUAGEM

Com certeza existe algum mistério entre os artistas e os poetas. Eles conseguem uma harmonia brilhante. É o caso dos concretistas Augusto de Campos, na poesia, e Waldemar Cordeiro, nas artes plásticas.

Cordeiro foi líder e teórico do concretismo nas artes plásticas no Brasil. Sua amostra “Uma aventura da razão”, moldada pelo rigor construtivo, demonstra esse período. Do concretismo, o artista manteve o gosto pelas cores, o apuro pelas formas geométricas, o uso de sucata “Pop-cretos” e palavras impressas em cartazes, buscando os fundamentos e a linguagem da arte e o debate em torno do concretismo. Segundo arquiteta Rosa Kliassi: “*Cordeiro foi quem iniciou o paisagismo em São Paulo, fazendo jardins concretistas na década de 50*”.

Seu amigo, Augusto de Campos, escreveu que “*Cordeiro sempre se preocupou em fazer com que suas especulações artísticas se vinculassem a projetos do interesse coletivo*”.

É importante lembrar que Augusto de Campos é poeta concretista, e também trabalha em projetos de criações artísticas e poéticas, como: poemas - objetos e poemas pôsteres, resultando em exposições. Ele vai além do limite do texto, com a finalidade de alcançar a luminosidade, de fugir ao marasmo e expulsar o tédio do dia a dia. O poeta em certa época declarou-se pela abolição da palavra, a favor da concretude do poema.

Affonso Romano De Sant’Anna, disse: “... *(a poesia concretista) empareudou toda uma geração, a partir de 1956.*”

A concretude faz com que a palavra valha não só pela imagem literária, mas também pela sua forma. E, as combinações de Augusto de Campos & Waldemar Cordeiro, são harmoniosas e passam a pertencer à linguagem da arte que, paradoxalmente, fazem parte do mais importante dos movimentos, o concretismo da poesia e das artes plásticas brasileiras. Nas palavras de Pietro M. Bardi, “*um pintor de talento é sempre um escritor*”.

## ARTE da SIMPLIFICAÇÃO e a BELEZA da SIMPLICIDADE

O ato ou efeito de simplificar é a simplificação. A forma simples ou natural de dizer ou escrever é a simplicidade. O que não podemos é confundir a arte da simplificação com a beleza da simplicidade.

Sabe o que mais? Pergunto, por que gostamos de complicar quando podemos facilitar ao pensar com objetividade? Seria por que sentimos que em várias situações não há espaço para a sinceridade e a desafetação, como qualidade da simplicidade? Nas palavras de T.S.Eliot, “... *deveria eu renunciar a um gesto e uma atitude. / Às vezes tais reflexões ainda assombram / A inquieta meia-noite e o tranqüilo meio-dia*”.

Noto que perdemos tempo quando não usamos a arte da simplificação no cotidiano, que não tem sentido sonhar que o mundo está em nossas mãos. Precisamos perceber e admitir que um simples ato suspeito, e sem resposta, é capaz de decidir sobre como juntar as pedras do quebra-cabeça da vida no dia a dia. Helena Rotta de Camargo expressa, “*A essência da arte se revela nas mais inusitadas situações... // Nos fatos mais corriqueiros, / assoma a essência da arte...*”

Afinal, a forma simples e natural de dizer as coisas nos faz analisar as regras da vida, como se as palavras fossem o sentido único da nossa reflexão, sem acrescentar que o ato ou efeito da simplificação contém as proporções para podermos conversar sobre vários assuntos e nos apropriarmos dos sentidos, quando nos apresentamos com a riqueza da nossa consciência. Especialmente se nos sentimos fortes para ampliar as opiniões, razão para nos envolver com assuntos para o bem estar geral; como em Marilise B. Lech, “... *quero versos com palavras comprometidas / Que iluminem a todos que deles possam se regozijar. / A esperança na palavra dita que mostra o mapa por onde / devemos andar*”.

Trocamos ideias, olhares cúmplices; guardamos segredos no momento em que a palavra grita por socorro ao fazermos uso da liberdade para apenas viver sem luxo, mas, com o conforto e a obrigação de manter a qualidade do viver e atender a nossa curiosidade como simples missão de dever cumprido. Nas palavras de Telmo Mário Dornelles Gosch, “...Concluimos sem demora, / Reconhecemos então, / Que simplicidade vigora, / No sopro da criação // A beleza é água singela, / A felicidade também, / Os simples as fazem bela... // Belo é o homem de palavra...”.



## CARNAVAL e ARTE

O carnaval ilumina um dos momentos mais artísticos da história brasileira. É a forma de arte que mostra, no estilo de cada um, a ação que se faz presente: músicas, danças, fantasias e máscaras. Segundo Leminski, *“O carnaval! passa / guardada na mala / a tua meia máscara.”*

Na tradição, busca na sociedade o equilíbrio na *“linguagem”* impressionista: a vontade de desbravar a quebra da rotina e de se divertir com os amigos. Daí a possibilidade de ocorrer envolvimento dos quais é impossível distinguir a linha divisória entre o sonho - a fantasia - e o real, porque o carnaval é o espaço inquietantemente maleável, que a sensação é de instabilidade emocional temporária. Como *Cena de Carnaval em Olinda*, de Nilto Maciel no livro *Contos Reunidos*, Vol. II.

No carnaval, a aproximação das pessoas é característica revelada em atitudes e entusiasmo, com liberdade de gestos e palavras, pois oportuniza manifestações concretas de expressão do homem, que variam entre a comédia e a tragédia. O retrato da livre convivência entre os foliões, onde risos são transformados em humor, ironia, liberdade e fantasia; em outras palavras, realidade viva e vivida!

A visão carnavalesca de Maria dos Prazeres Gomes, *“implica em conceber ao mundo como espetáculo sem palco e sem separação entre os atores e espectadores, espetáculo do qual todos participam ativamente... as leis, as proibições e restrições, os horários e as hierarquias que normalmente condicionam a vida cotidiana deixam de vigorar.”*

Pergunto como o carnaval se dá na poesia. Há unidade entre arte, carnaval e vida, bem como a releitura da poesia que vem acompanhada no retrato de provocações e entusiasmo. O genial é que os escritores, com suas expressões, sugerem a força sonora da palavra como movimento, como se quisessem classificar o carnaval e, ainda,

desempenhar a função cultural, que se torna relevante ao descrever a alegria e o prazer em participar das festas carnavalescas: o riso solto e descontraído, a paixão e os momentos em que as pessoas expõem seus extremos.

O carnaval se dá na poesia para representar e expressar as liberdades carnavalescas. Os poetas criam palavras com força transformadora, para revelar o carnaval como espetáculo da realidade, com imagens *sui generis*, como em Antônio Olinto, “... *Carnaval outra vez, gritos no mês //... Ao carnaval em sístole outra vez, / Outra face, outra mão, outra lhanura //... Os ímpetos do ser. Vejo a passagem / de tudo nesta porta, passa imagem, / Passam máscaras sóas, passam nudezas, / Que outra vez a passagem se faz ato...*”; Álvaro Moreyra, “*Veio cantando, veio dançando. / Ninguém olhou, ninguém ouviu. / E todo mundo ficou dançando, ficou cantando: /- Carnaval chegou! / Carnaval táí...*”; e em IGdeOL, *Neste carnaval duradouro / investirei nas folias do Momo / para soltar o meu eu verdadeiro. // Uma máscara cobre a minha face / disfarce do que não sou / coragem para fazer o que sou...*”

## PALAVRAS e ARTES em VIA RÁPIDA

*Via Rápida* é livro de poemas de Pedro Du Bois. O livro é arte e lazer. Nesta obra o poeta marca encontro com os escritores: Paulo Monteiro, no prefácio; Geraldo Fernandes, no posfácio; Gilberto Cunha, na quarta capa; Marco Damian na orelha; e Eduardo e Layla Barbosa, nas ilustrações.

Du Bois não se curva, faz a sua poesia e não a dos outros. Ele não segue a moda, que é o modo mais rápido de vencer na literatura. Porém, as portas se abrem, agora, com o *Via Rápida*, que representa um passo a frente no rumo poético: seu estilo, ao empregar as palavras é de quem sente as vibrações entre o som e o significado na busca da poesia reflexiva. Diria até que não se entrega a primeira leitura e, também por isso, é necessário elogiar a sua obra. Não há meias palavras para descrever a grandeza da obra; sob os traços do Eduardo, os poemas se destacam na influência da luz dos dias.

*“Exigem o traço reto em réguas / dividindo o espaço: a  
permissão / entre as proibições de sempre // o espaço  
desregrado do espírito inquieto: completa a cena / no sarcasmo  
característico dos corpos destruídos”*

Já como influência consolidada, o autor mostra o passar das horas na medida em que vai sentindo sua origem, embora escondida na lembrança; as palavras entregam indícios de seu talento no misturar ficção e inspiração, para descrever a liberdade em *Via Rápida*.

*“... Reorganiza ideias: sorri o lado / de fora e pensa a rapidez  
da aurora / onde amanhece em silêncio.”*

As ilustrações dos poemas aumenta o desafio à participação do leitor, dando vazão para garantir a leitura no desfrutar as ideias e sentir que não há limites estanques nas criações. Tanto a arte literária como a plástica se norteiam pela qualidade, voltadas para tempos mais humanos, com a visão de conquistar e entender o mundo em novas dinâmicas.

Pedro e Eduardo fazem arte marcante na cultura, onde ocupam espaço através de seus processos de criação, trazendo para o dia a dia o poder de encantamento, reflexão e beleza.

*“Encosta o corpo / no corpo vago da passagem // escuta  
o som sussurrado // com os olhos fechados relembra /  
acontecimentos: corpos / selados em silêncio.”*

O livro é jornada que se desenrola de forma arrebatadora, porque traz arte literária em conjunto com a plástica, e isso faz a diferença, já que a tendência da mente é a de viajar e viver o presente. É, também, gratificante, desafiador e instigante: expressa que o viver passa em *Via Rápida* em diferentes pontos de vista, ampliando a nossa visão cultural.

*“O lugar vazio / a máquina desligada / o olhar absorto //  
a primeira vez // a contestação silenciosa /  
a constatação do fato”.*

## FUTEBOL ARTE no GRAMADO

"Aprendi que o tiro de meta é coisa de poeta."  
(Jorge Ventura)

Futebol é a maior paixão popular brasileira; tornou-se sinônimo de programa dominical, de arte, estilo e beleza. Também tem o sentido de harmonia e graça. Segundo Tostão, "*o futebol repete a vida.*" É objeto de literatura, cinema, música e artes plásticas.

Considerado paixão, força e elegância, no gramado é prestigiado pela torcida dinâmica que rompe as linhas adversárias e libera nostalgia coletiva. Chico Buarque declarou ser o futebol a sua primeira paixão.

O futebol tem conceito de diversidade cultural, por que interage com o povo e abrange aspectos fundamentais das relações humanas, como a dinâmica dos espectadores, transformada em reflexão política e ação ao desencadear explosões emocionais, como demonstra Thereza C. Motta, "*Sem palavras, / iniciamos o jogo. / Tudo se transforma / nos rostos, nas mãos / a espera. / Por que somos semelhantes / em nossas diferenças? / Por que precisamos disputar / para nos conhecer? / Brincamos com a bola, / com o sentimento...*" .

Nos jogos, aos poucos, o verde do gramado vai adquirindo vida, feito palco na coreografia dos passos, passes e lançamentos, que se cruzam e se revezam em sinfonia de cores. Thereza Christina Motta revela, no livro *Futebol E Mais Nada - Um time de poemas*, "*O que fazem os jogadores / quando entram em campo? / Jogam. / Que jogo? / Torcem. / E quando jogam e torcem, / sofrem. //... Nenhum sofrimento se iguala, / nenhuma alegria o supera. / Somente a vida.*"

O futebol causa sentimento de alegria e de impotência em que as pessoas sofrem com o desafio, torcendo pelo seu time, expondo suas expectativas em cada jogada. Ele revela sobre as pessoas, fo-

cando-as ao se reconhecerem nas diferenças e as identificando nas torcidas em laços esperançosos de inspiração e único caminho para compartilhar o seu esporte preferido; ainda em Thereza Christina, *“Nem todos os dias / do mundo / nos dão o instante / da felicidade / de um gol”*.

Cada imagem no futebol passa diante dos olhos, despertando no torcedor, de forma diferenciada, o se deixar levar pelo sentimento, com espírito lúdico, difuso e espontâneo, revelando ritmo inusitado de ideias, expressamente sensíveis, como descreve Pedro Du Bois, no livro *O Movimento das Palavras*, *“... o tempo passa, o suor aumenta. / Pupilas se dilatam / tentando ajudar a jogada da equipe / Pela qual torce.”*

O futebol puxa a torcida. A torcida puxa as palavras e as palavras levam ao GOOOL! Como expressa o narrador, *“Este gol foi uma pintura!!”*

O sentimento pela camiseta do clube resplandece a grandeza dos jogadores através do movimento, do canto ou simplesmente da concentração, enquanto as vozes dos torcedores revelam a felicidade por assistir ao jogo de futebol; o que lembra Mario Quintana em *“Rádios e tevês / Gooooooooolo!!! / (o domingo é um cachorro debaixo da cama.)”*.

## ENCONTRO das ARTES

Precisamos compreender os fundamentos e os significados da nossa identidade, e o contato com a arte favorece os processos de reordenamento espiritual - nossa consciência a respeito do que somos e do que queremos.

As artes nos dão a verdade possível, transfigurada em cor, volume, ideias e consciência; tem múltiplos significados.

*Poesias Completas*, segunda edição/1979, é um livro de poemas de Joaquim Cardozo; grande título pela raridade e pela importância dos poemas sobre obras de arte, que refletem emoções, sensações e imagens. No capítulo *Luz na Galeria* encontra-se o poema *Maria Bonomi, Maria Gravura*, em homenagem a grande e talentosa artista plástica, gravurista que usa sua força criativa para transformar blocos e perfis geométricos em imagens transcendentais.

O poema, que exibo, fala de Bonomi através dos olhos de Cardozo, marcando o encontro com as artes - o discurso e a gravura, linhas reproduzindo e unindo as criações artísticas.

*“Maria Bonomi, Maria Gravura; / Os traços, pouco a pouco deixam / de caminhar. / As cores não passam mais / pelos olhos, / Pelos ouvidos, inundam. / A noite desceu sobre a gravura - / Sombra de prensa a comprimi - / Maria Bonomi, Maria Gravura / Ouve-se agora um canto / Do papel em liberdade. / Maria Bonomi / O corte sorri. A mão fica em silêncio. / O contraste murmura / Maria Gravura.”*

Nesse encontro, abro ao fluxo o poder iluminante que detém e transmite um registro histórico e estético, que pode tocar tanto o coração, quanto os recursos da narrativa, e a significação dos gêneros artísticos, nos proporcionando a reflexão.

## A ARTE de PENSAR em MALAS

A arte de pensar em malas está na arte de optar.

Alguém pode imaginar um verão sem praia? Impossível. O mesmo é pensar em malas, sem viagem. As férias não seriam as mesmas.

Há muito tempo o objeto mala, e tudo o que ele representa, rende histórias inesgotáveis, em busca de personagens marcantes.

Quando falo em malas, logo penso em viagem: uma conjunção perfeita. Permite que os pensamentos voem espontaneamente, até a imaginação tomar conta e me fazer sentir a diferença ao ler esses poemas que me provocam sensação de bem estar, ao saber o que os poetas pensam sobre as malas:

Clauder Arcanjo: *“- Mala, malinha, maleta!... Eu sabia que tu serias minha, mala, malinha, maleta. / E ela passava a mão no couro da mala, acariciando-a, como se feliz pela conquista. / Era um sonho que, enfim virara realidade. Muitas curvas se deram, mas agora esta seria sua, como sempre desejara. - Mala, malinha, maleta!... Eu sabia que tu serias minha, mala, malinha, maleta”*.

As malas têm valores diferentes. Posso descobrir os benefícios na escolha, para garantir o pique ao colocar o pé na estrada; que seja moderna e resistente, fácil de limpar.

Francisco Alvim: *“Está de malas prontas? / Aproveite bastante. / Leia jornais; não ouça rádio de jeito nenhum. / Tudo de bom. Não volte nunca mais.”*

Parece coisa de turista? Bem, pode ser...

Não deixo que as malas tomem conta da minha viagem. Uma só mala é o suficiente para o visual. Mas se quiser, ousado: curto o máximo da viagem.

Pedro Du Bois: *“... ao regressar de corpo e alma / trouxe na mala as lágrimas / de ter estado longe / e tão perto de perder / a vida em pensamentos”*.



Há quem diga: *sou uma mala sem alça*. As pessoas gostam de brincar sobre as suas muitas conquistas, mas nenhuma se compara ao fato de acreditarem que revelam, ainda, um vínculo emocional com *a mala*, e se mantém poderosas.

Alberto Caeiro: “... *Não era mulher: era uma mala / Em que ele tinha vindo do céu. / E queriam que ele, que só nascera da mãe, / E nunca tivera pai para amar com respeito / Pregasse a bondade e a justiça!*”

Vale a viagem! Boa oportunidade para comprovar que apreciar os campos verdes é muito mais que o jardim de casa. Que conhecer a cidade com vida cultural, faz-me sentir inspirada. As malas colocam suas energias nesses objetivos.

Luiz Coronel: “*Beijo/ a manhã / num bocejo. / Arrumo as malas // ... Volto para casa. / Pego as malas / e embarco / na estação / primavera.*”

## IMPRESSÕES DE LUZ: ARTE

Não importa a intensidade da luz, mas, o sentido da mesma quando expressa contato com o mundo. As razões para consagrar a luz tem valor semelhante ou superior aos questionamentos no nosso viver, como referências da liberdade e coragem. Isso pressupõe que nosso talento se destina as inquietações e propostas. As intenções e realizações na existência independente do palavrorio com que pretendemos (nos) explicar. Mário de Andrade descreve a sua emoção ao posar para Anita Malfatti, em 1922, *“Suas cores eram fantasmagorias simbólicas... Tons de cinza que era tristeza... Tons de ouro que era minha alegria milionária... Tons de fogo que eram meus ímpetos entusiásticos”*.

No momento em que recriamos o caminho através da luz, estamos atentos às questões da arte com o viver. Para Rubens Gerchman, *“Arte é, por natureza, a recriação do real, a concepção que o artista tem da imagem viva”*. Esta concepção, no entanto, está embutida no desejo de descobrir e revelar a luz como impressão do que criar. Juarez Machado registra a sua marca no quadro *Pepe Pálida em Quentes Lençóis*, pois, para ele *“as mulheres revelam o mistério do sono, do cochilo, que estão entre o sono e a morte”*, como jogo de luz.

A impressão de luz começa no momento em que surgem alternativas coloridas, quando nos vemos itinerários - *quem é quem* - em nova conjunção para fazermos parte do incentivo como eixo de atitudes. Tal predominância fortalece o nosso talento à custa da legitimidade da luz, como Jean-Baptista C. Carot (1796-1875) é lembrado pelo seu domínio da luz com a obra *A Pequena Jeannette* que, também não foge à beleza e vai ao encontro das ideias, isto é, as qualidades expressivas de cada um concentradas na sua eficácia, que não são feitas de sombras, mas, da claridade quando nos redescobrimos no (re)construir.

As luzes refletem sensações quando alcançamos o acréscimo à realidade, como a inventividade, a diversidade e o objetivo. Nas palavras de Carmen Presotto, *“Quando as sombras se iluminam / em meu peito / - flores espalhadas - / abraço eterno // horizonte // que com Arte me revestes”*.

## ARTE: VOCAÇÃO e PAIXÃO

A arte de pensar. A arte de não pensar em nada, desperta a calma. Desperta o silêncio.

A arte de ler uma obra leva o pensamento ao coração. Deixa a imaginação ir e vir espontaneamente. Entregar-se de corpo e alma ao texto faz sentir o prazer tomar conta de nós. Concentrar-se é manter a expressão, sonhar o melhor, despertar.

A arte de escrever, fazer literatura, leva-nos a pensar sobre as “estrelas” das letras, que nos embalam no tempo. Respire fundo. Sinta a diferença: alguns literatos que nos provocam sensação de bem estar...

Castro Alves aos vinte e três anos escreveu *O Navio Negreiro*. O texto é marco do romantismo brasileiro. O mais célebre poema sobre a abolição. Foi o principal nome do período. Morreu aos vinte e quatro anos.

Raquel de Queiroz aos dezenove anos publicou *O Quinze*. O livro é uma das principais obras da literatura regionalista do Brasil.

Álvares de Azevedo morreu aos vinte e um anos e deixou centenas de páginas de poesia e prosa, que estão entre as mais importantes do romantismo.

Ferreira Gullar aos vinte e quatro anos publicou *A Luta Corporal*; com esse livro o poeta começou a busca da linguagem que desembocaria no concretismo.

José Saramago teve editado o seu primeiro romance importante aos cinquenta e quatro anos.

Essas artes reproduzem a cultura instalada e criada pelas “estrelas” das letras, e mantém certo poder de encantamento. Conforme Antônio Cândido, “*A literatura é uma atividade sem sossego.*”

Na arte da leitura encontramos, detalhadamente em seus livros, a produção de cada um deles que, por sua vez, influenciam e mapeiam a atual literatura, demonstrando vocação e paixão pela arte.

Tem coisas que não mudam; a paixão pela arte é uma delas; sinônimo de sentimento porque é como estar junto de quem nos faz bem. É estar na companhia de escritores e músicos. Sem sobressalto, curtimos os sons e as palavras, como nas sinfonias de *Beethoven* e, na literatura, a *Sinfonia de Cores*, de Helena Kolody ou na *Sinfonia de Cores*, de Fernando Andrade.

Essas referências ampliam o nosso horizonte e nos levam a confrontar gostos e opiniões; sair da rotina e experimentar outras sensações; aprendizados, que nos encorajam e ajudam abrir nossas mentes e as tornar criativa. Como em Luiz Felipe Loureiro Comparato, talentoso roteirista que, entre tantas produções, em 1983, escreveu o livro *Roteiro*, que o projetou culturalmente em muitos países. Seu livro é obra única no gênero. Foi editado em vários países da América Latina, na Espanha, na Itália e em Portugal. Produto de suporte às minisséries, escrito devido à experiência que o autor teve na área: *Lampião e Maria Bonita*, *Malu Mulher*, *Plantão de Polícia*, *Carga Pesada e O Tempo e o Vento*.

Para Comparato, no Brasil, não só para sobreviver, mas, para manter o padrão de vida é necessário trabalhar quatro ou cinco vezes além da sua capacidade. No exterior é diferente, as pessoas se envolvem durante quatro meses com um roteiro e, nos outros oito meses, estuda, lê e recompõe suas forças para o próximo trabalho.

A primeira produção de Comparato no exterior foi em parceria com Gabriel Garcia Marquez, com o original do escritor colombiano, *Alugam-se Sonhos*. Também, trabalhou no roteiro de *O Homem que Descobriu o Paraíso*, programa especial para a televisão soviética sobre a expedição de Langsdorff ao Brasil. Comparato diz, “*Gosto mais de escrever para o teatro. O desafio é maior. Você tem o desafio do espaço e o desafio do tempo. Você pode delirar...*”

Essa sabedoria é intensa, quando na arte vivemos a intensidade de como ele mexe com o nosso olhar e pensamento e, ainda, sobre o efeito, sobre nós, da sua vocação e paixão pela cultura.



## 2º movimento **LIBERDADE**

*"A liberdade é uma questão /  
que não pede resposta"  
(Sérgio Cohn)*







## HÁ LIBERDADE?

Há liberdade em nossos dias? Ou é no movimento livre que o Sol nasce para moldar as formas das sombras. Para Carlos Drummond de Andrade, “*O bom é... flutuação sem rumo a não ser do vento, em barco sem barqueiro*”. Invertemos a perspectiva e descobrimos novo jeito de somar as forças e disputar as opiniões, para encontrar na diferença do pensar a liberdade como definição, solução e realização.

Há vários caminhos para buscar a liberdade, e a palavra é das vias mais importantes, porque é de mão dupla: de um lado a palavra é a fala, aquela que desenvolve a imaginação e, do outro, a significação que cada um atribui à palavra. Mário Chamie reflete, “... e o peso da palavra, / que, mal falada, / não dizia / o que dizendo, calava”.

Há liberdade no risco que desliza na tela unindo céu e mar; no papel que expressa a pedra iluminada; na imaginação que desperta o sonho e os sentidos que nos definem. Ela renova o querer, a essência e a palavra na sua irradiação. É tudo o que temos, sem ela seríamos estátuas: a obscuridade sem destino, sem lucidez, sem cor e sem a hora do momento. Cada um atribui significado diverso à liberdade, baseado em nossas decisões como imagem construída sobre a história. Oscar Niemayer expressa “*A beleza precisa ser inventada*”; Fernando Pessoa, “*Viver não é necessário, o que é necessário é criar*” e Mia Couto, “*Viver? Ora, viver é cumprir os sonhos, esperar notícias*”. Não podemos ignorar a dimensão emocional das definições sobre a liberdade e das suas fantasias sobre os desejos e ansiedades.

Há verdade como caminho a nos levar à liberdade de gritar os nomes; sorrir; mergulhar no voo da brisa e, assim, vivermos os dias entre a luz e o destino. Sobre o tema, encontro significados nas obras, *Palavra Engajada*, de Ronaldo Cagiano e, *Poucas Palavras*, de Pedro Du Bois, em que eles expressam a liberdade, transformada em inspiração, que ultrapassa as fronteiras do cotidiano.

Há a decisão tomada para nos reconhecermos como autores de nossas vidas; assim alcançamos a liberdade que nos encoraja a recolher os pedaços dos conflitos em meio aos domínios e que nos permitem de sair da nossa (in)apropriada sombra. É o coração que guarda a liberdade, memorizada no mistério dos sentimentos. Nas palavras de Oscar Wilde, “*A vantagem das emoções é que elas nos / desencaminham*”.

Há a liberdade que nos contagia, sobre a qual o dia desliza. Há nossa voz como folhas ao vento. Há a palavra que nos completa. Há a luz para enfrentar as sombras, onde a nossa consciência se espalha. Há lembranças no avesso das nossas vozes, como algo além da paisagem, da promessa e da conversa. Foed Castro Chamma escreve, “... *onde habita a voz o encanto habita...*”. Encontro a liberdade em *Concerto A Quatro Vozes*, coletânea poética; em Adriano Espíndola, com *A Voz do Urbe*; com Antônio Cícero n’*A Voz de Eros*; em Marco Luchesi, com *A Voz do Deserto* e, também, em Salgado Maranhão, com *A Voz Solar*.

Ao encontrarmos a nossa voz, evadimos de nós mesmos e passamos a viver para sermos protagonistas e para sentirmos o amanhã na antecipação das imagens; não mais fugimos às responsabilidades por ela impostas, pois, não mais nos impedimos às mudanças. Em cada pulsação a liberdade nos permite recomeçar a vida onde podemos protagonizar o nosso enredo.

## O SILÊNCIO da PEDRA

Encontro no livro de Donizete Galvão: *Do Silêncio Da Pedra*, de 1996, poemas que dizem que a pedra é silenciosa e dela brota água, representando a vida: *"A pedra cala / o que nela dói"*. O autor busca na pedra algo de eterno e nos mostra como extrair lições de permanência dos minerais, *"Quem diante dessa força bruta / batida por séculos de vento / ... vindo de onde ninguém tocou?"*

Os poemas mostram que a linguagem da água nasce dos seus embates com o leito de rochas, dando uma voz a realidade; ricos em metáforas. *"No mundo das pedras lisas não cabe a dor."*

A pedra além de ser uma fonte de inspiração, ela pode ser trabalhada. A artista plástica Renina Katz nos diz que sim, e vejo a poesia refletir a arte quando trabalhada a pedra. Torna-se fascinante ao se juntar com a litografia de Renina, como a ilustração do livro, num estilo que nos faz pensar e despertar a imaginação, permitindo oscilar entre o tom da palavra e a contemplação do traço. *"Pedras de sombra / ... Rebanho em negro / Montanha abaixo / Notas tocadas / por um fio de água / ... que no miolo da pedra / Fizeram sua morada"*.

Nas artes, os poderes se interconectam e se materializam em cenas de encanto, entre a poesia e a arte, como a busca do homem pelo sentido da vida ao se descobrir nesses dois mundos, há força na liberdade rompendo barreiras. Como escreveu Almandrade, *"Um dia / fantasma / amor / sem sujeito / impossível / falar / silêncio de pedra"* .

## PRÓXIMA CONQUISTA: CONVERSAR

Conversar é, sem dúvida, um exercício sem rótulos e com liberdade no sentido amplo da palavra. É falar sobre coisas que fazem parte do universo de alguém que recria o mundo ao suprir a “necessidade” de determinado tipo de expressão. Neste sentido, exige investimento de tempo e atenção; e o tempo é sempre o dono da possível dinâmica da conversação.

A conversa tem por característica a forma simples de expressar a opinião sobre determinado assunto, desde que a verdade esteja exposta junto com o conhecimento. Leandro Gomes de Barros diz, “*Se eu conversasse com Deus / Iria lhe perguntar: / ... Quem foi temperar o choro / E acabou salgando o pranto?*”

Observo que as pessoas reclamam não ter mais tempo para conversar. As famílias não conseguem mais se encontrar nas refeições, onde havia diálogo para saber como foi o dia de cada um; as novidades, dúvidas e o apoio entre as partes. Vamos combinar: que saudades dos encontros acolhedores, até dos discursos vazios e das discussões sobre determinado assunto. Além de divertido, na maioria das vezes, podíamos mascarar o nervosismo e até a tensão, como em Carlos Drummond de Andrade, “*... Há sempre / uma família na conversa / / ... A conversa o restaura e faz eterno*”.

Nos dias de hoje é impossível abraçar tudo; na verdade, é difícil conciliar profissão com família, porque vivemos no “drama” do que chamo “tempo”. A flexibilidade dos horários nem sempre é uma opção, porque não escolhemos onde e como a podemos encaixar na rotina o quanto e quando queremos ou podemos conversar com os amigos.

A conversa descortina corações, como mostram os poetas: Filomena, em *Conversa com Deus*; Welson Santos, em *Conversa entre o amor e a amizade*; Sidónio Muralha, em *Conversa de Tatus*; Zé Laurentino, em *Conversa de Passageiro* e Basilina Pereira, em *Conversa com o Mar*.

Sonhamos com a liberdade que até esquecemos como evitar as armadilhas, como por exemplo, quando é para conversar, ficamos calados; quando é para ouvir, conversamos. Isso ocorre em palestras, teatro, cinema e saraus poéticos. É intrigante, pois são momentos únicos e o tanto de conversas paralelas é assustador, parecendo *Conversa de Hospício*, “*Conversemos então, mas sobre o quê? / O não e o nada, puxa vida! / Nada mais simples de dizer, do que sim por eles; / Contudo; / Sem mais para dizer, afirmo...*” ou *Conversa sem Fim*, de Sylvania Amaral, “... *Meu lugar não sei onde fica / Onde estou? / Somente a certeza que não é aí. // Conversa sem meio / Nem fim / Arco-íris sem cor...*”.

O essencial é preservar o momento em que a vontade causa sensação diferente, como quando a criança quer falar e o adulto não a escuta, então ela em dose extra de necessidade, grita: *quero falar!* HSerpa reflete, “*Sem televisão / chama para uma conversa / Acende a nossa chama / Sem nos cegar...*”. Particularmente no mundo cuja rotina exige tempo, que muitas vezes, perdemos em deslocamentos, é vital “multiplicar as horas” para mantermos o diálogo, como em Cláudia Liz, “*Vem tomar um café comigo? / Nessa tarde ensolarada / Pra podermos conversar / Relembrar a adolescência / Nossos contos aventuras / Que faz bem ao coração...*”.

Preservar momentos para conversar é importante, já que os interesses e os desejos do outro são fundamentais para vivermos em sociedade e, juntos, definirmos o rumo na vida. O diálogo entre amigos flui e colore a vida, onde as histórias e os resultados são apreciados por todos e, assim, esquecemos a ideia de que é preciso passar horas olhando através da vidraça; T.S.Eliot em *Conversa Galante* divaga conversando com a Lua.

Somos responsáveis pela condução da conversa e, muitas vezes, expressamos termos, tempos e palavras erradas, deslocadas do contexto, dificultando o poder de dialogar e de entender o rumo da conversação.

Conversar é dialogar ao entender o seu objetivo; o rumo que ela segue deve prender a nossa atenção. Mas, é necessário se policiar no que iremos dizer, pois a palavra - (mal)dita - que fere, também pode unir e transformar a vida das pessoas.

Quantas vezes, numa discussão, alguém chega perto e diz: “calma, é conversando que a gente se entende” e, como dizem os poetas, “*um relacionamento feliz é uma conversa longa que sempre parece curta demais*”. Quantas vezes, depois do encontro, na despedida, ouvimos, “a gente vai conversando”.

Então, questiono: quantos tipos de conversa encontramos pelo caminho? Conversa afinada,afiada, fiada, rimada, pessoal, sentimental, temperada, virtual, banal, de bar e tantas outras; para Zaymond Zarondy, “*A poesia é uma forma de conversar com o mundo e com as pessoas. // Vamos conversar então?*”

Conversar é arte ou manifestação filosófica? Se através do diálogo podemos dar e receber atenção dos amigos com argumento para desenvolver ou esclarecer um assunto, por razões diferentes, as pessoas procuram a felicidade; ao conversar com alguém fugir da solidão e do estresse, como refletido no livro *Prá início de Conversa*, poesias de Zaymond Zarondy.

Conversar é a conquista que estimula a alcançar o desejado e que faz nos sentirmos especialmente bem, ao desfrutarmos da companhia e das coisas simples, como lidar com a opinião oposta.

## LUZES de OURO PRETO

No livro Luzes de Ouro Preto (uma raridade, sem ano de edição), que foi projeto da Associação Cultural Avelino A. Vieira, com o objetivo de homenagear Minas Gerais e retratar “*o brilho e a luz de uma cidade iluminada*”, com espírito natalino, são encontradas imagens que, iluminadas por artistas de sensibilidade, espelham Ouro Preto nas artes. Artistas esses que transformaram palavras e emoções através dos seus trabalhos. São eles: Carlos Bracher, Fani Bracher, Jorge dos Anjos, Fernando Lucchesi, Gê Fortes, Annamélia, Guilherme Mansur, Eduardo Trópia, Milton Trópia e Carlos Scliar. Poetas que fizeram da palavra, arte e memória, revelando as suas verdades. Entre tantos, cito Carlos Bracher, por admiração; pintor que obteve o “Prêmio de Viagem ao Estrangeiro”.

Todos os artistas, de certa forma, são considerados estrangeiros dentro da cultura; pois não são lembrados como deveriam ser: “poetas das artes”. Pedro Du Bois retrata o estrangeiro: “*Resta a paisagem / onde os olhos distraem os sentidos: / o viajante pontua a passagem / em imagens. / ... Resta o que vê de paisagem / nua e inquieta dos ventos: rotula o esboço / e o transforma no desenho virtual / do século prazado / sobreposta, a paisagem incorpora suas marcas...*”

Pintar e poetizar são a melhor parte a ser visto e vivido. É o que de melhor o mundo considerado dos estrangeiros nos oferece como uma luz; segundo Orides Fontela, em Teia: “A luz está em nós: iluminamos”.

## HORAS GASTAS

“... Onde os fantasmas que calavam //... e  
as coisas que as horas gastavam?...”

(Lúcia Fonseca)

Horas gastas, é a arte de esquecer, é memória emotiva, aquela que se preocupa apenas em lembrar o que interessa como o essencial para viver. É preciso refletir para lembrar, identificar e imaginar. Nada mais apropriado do que a arte de ler, exercício que estimula a imaginação, sem gastar as horas. Segundo Orides Fontela, *“Memória // A cicatriz, talvez / indelével // o sangue / agora / estigma.”*

O desafio é permitir-se reconhecer no encontro com o pensamento, ao partilhar experiências e escolhas para ter um dia feliz depois do outro. Ao concentrar-se, manter a expressão, o sonho e a lembrança para melhorar o despertar. A arte de pensar embala o tempo, reproduz a memória e mantém o poder de encorajamento, como em Getúlio Zauza, *“... Infinito é o caminho a percorrer / É de cada vida o tempo limitado / tanto é o que se tem para aprender / que cada momento deve ser aproveitado...”*

Passar as horas, acompanhado da leitura de Carlos Higgie, faz despertar o coração ao tornar o leitor um interessado nas paisagens da beleza do amor, da vida e dos valores éticos. Coloca-o em sinergia com a memória, fazendo com que se entregue de corpo e alma ao texto, sentindo o prazer tomar conta do tempo, *“... Num voo de pássaro e retornando para o passado,... sentia que sempre, apesar das atitudes, tinha sido igual. Certas características da sua personalidade a acompanhavam desde os primeiros momentos. Porém, sempre existe um momento crucial, fatal, um instante marcante em que a verdadeira personalidade se apossa das versões fáceis e falsas. Quando as máscaras caem e se fazem pó, aparece a verdadeira...”*



Horas corridas indicam viver o dia a dia com intensidade para lembrar cada minuto como se fosse único, revelando segredos e desenvolvendo o repertório em detalhes, podendo confiar na memória com despertado senso crítico. Nas palavras de Carlos Higgie, “... *Seus muitos anos, trabalhados, suados, sofridos, não entendem. Algo que não pode ser explicado, algo absurdo, sem nexos, perturbador cruelmente trágico, algo que ele não pensou em viver e sofrer. Ele não entende. Ele não sabe. Ele quer respostas e sequer tem as perguntas.*” Isto é, horas gastas representam a arte de esquecer. Ganhar as horas e não gastar as horas é contar com a capacidade de lembrar os fatos, datas e valorizar a iniciativa potencial em cada passo e nas ações das pessoas. Considero as horas gastas como dia especial, importante, onde vejo a comemoração da passagem do passado com o presente e, ainda, percebo o quanto ganho em viver, como em Craci Dinarte, “*Quando o sonho se fizer amor;... tocar o teu corpo / numa carícia suave, / lembra-te de mim!*”

## UM OLHAR pelas IDEIAS

*“Você não morreu: ausentou-se. / direi: faz tempo que ele não escreve... / Saberei que não, você ausentou-se. Para outra vida? / A vida é uma só. A sua continua. / Na vida que você viveu. / Por isso não sinto agora sua falta”.*

(Manuel Bandeira)

Mário de Andrade, através de suas ideias e influência em diversas áreas, viu seu prestígio crescer como escritor. Ele tinha convicções fortes sobre a cultura brasileira; divulgou suas ideias na imprensa e através de livros e dedicou grande parte de sua vida a difundi-las. Foi um dos realizadores da Semana de Arte Moderna, em 1922.

José Antônio Pasta disse que Mário foi mentor de Drummond, Bandeira e de diversos críticos literários, como Antonio Candido e Paulo Emílio Salles Gomes.

Mário de Andrade atuou, mexeu e remexeu em quase todos os campos artísticos, assumindo o papel de totem da cultura brasileira. Demonstrou, na época, que tinha muitas ideias no plano da cultura; na literatura, através de suas cartas, aconselhou poetas e romancistas a agregarem formas de vanguarda e a buscarem uma linguagem brasileira. Foi mentor da escola nacionalista, que misturava música erudita com temas populares brasileiros e, através de suas críticas, influenciou a motivação, as pesquisas e a busca por uma identidade nacional que tornasse única as manifestações culturais. Nas palavras de Manuel Bandeira, *“Anunciaram que você morreu / meus olhos, meus ouvidos testemunham: / A alma profunda, não. / Por isso, não sinto agora a sua falta... / Alguém perguntará em que estou pensando, / sorrirei sem dizer que em você / Profundamente...”*

Em busca da memória, das descobertas e pela curiosidade do percurso realizado por Mário de Andrade, gosto de remexer em quem

deixou algo para nós, como a preocupação pela cultura e como divulgá-la, torná-la atraente aos brasileiros. Ele foi um dos que deixou traços para que seguíssemos adiante com a cultura, sempre procurando com que todos se preocupassem com a qualidade e a continuidade. Segundo Antônio Olinto, *“Mário de Andrade criou uma obra vasta de pesquisa e de estudo, ao lado da poesia e da ficção, porque sentia necessidade de contribuir palpavelmente para a cultura do país e de remontar as origens do Brasil”*.

Toda a vida de Mário de Andrade está como que refletida *“num olhar pelas ideias”*, porque talvez não exista no plano artístico maior transposição de uma experiência pessoal, com a intensidade das suas obras.

A literatura sempre esteve presente em Mário e ele a levou para o povo brasileiro, com notas, divulgações de pequeno porte, mas fortes. Semeou um País com esperanças a partir das suas ideias *“surpreendentes”* e de sua ampla atuação. É merecido o seu prestígio, mas deixou claro um recado para todos nós: *“É preciso mudar o nosso olhar para depois mudar a realidade”*. E Tele P. A. Lopes afirma que *“No olhar está a ânsia e a paixão e os braços abraçam a intensidade das sensações dos sentimentos”*.

## A RECONSTRUÇÃO do TRAÇO

*"Formas geométricas / rígidas / entrelaçadas //  
recriam vidas / misturando traços".*

(Pedro Du Bois)

Eymard Brandão é artista plástico sintonizado com a arte contemporânea e comprometido com o ofício de criar, ou melhor, de reconstruir traços.

Iniciou a sua carreira nos anos 70, ancorado no neo-concretismo, sempre buscando questionar o espaço, o objeto e as linguagens artísticas. Recebeu o primeiro Prêmio de Desenho no Salão Universitário de Artes, em Curitiba e, após, teve expressiva premiação em vários outros salões.

Desenvolveu uma poética sobre materiais reciclados para a sua criação, mas voltado à ideia da desconstrução na linguagem. Marília Andrés Ribeiro cita: *"Brandão criou uma linguagem com cores fortes e chapadas numa forma integrada de desenho e colagem"*.

Nos anos 80, mira seu olhar para os objetos ecológicos, a partir de materiais descartados e os transforma em obras de arte. Seu marco poético é o processo de destruição e construção através da simplificação das formas. Seu trabalho é associado aos concretistas e aos minimalistas norte-americanos e europeus. Suas obras apresentam a simetria, a proporção e o equilíbrio. Segundo o crítico Morgan Mota, Brandão prefere a experimentação ao que se refere à estrutura e à geometria, marcada pelos espaços milimetricamente variados e pela utilização de elementos aglutinantes, dando significado à construção de novas linguagens.

Sua produção é baseada em relevos e pinturas geométricas, a maioria em técnica mista sobre cartão ou chassis. Eymard é pintor renomado pela sua inconfundível “*expressão da linguagem*”, efeito que, com cores e formas, convida o espectador para um passeio introspectivo, para que vagueie por versão contemporânea da reconstrução do traço.

## TRAÇOS INSTIGANTES

Tomo como exemplo a fotografia das crianças sentadas de frente para o mar. Elas estão totalmente integradas à paisagem. A sensação que essa imagem produz, é a de serem “engolidas” pela paisagem, de tão pequenas que se tornam diante do mar; verdadeiros traços instigantes.

A mesma imagem permite outra revelação, a de que a paisagem é tão ampla que a minha imaginação se apresenta num tempo onde há o jogo entre o sentimentalismo e a hora do *clik*, permitindo-me admirar no espaço a bela imagem do ser diante da paisagem, enquanto arte, e a perceber a diminuição do ser, enquanto traços instigantes.

Momento artístico, descrito através da imagem como movimento, também encontrado na literatura nos traços instigantes da poesia. Alguns poetas descrevem a paisagem e homenageiam a grandiosidade do momento, com Douglas Mansur ”... *fotografo com os olhos / Revelo no pensamento / Amplio no coração / Distribuo com os lábios e com as mãos / Eternizando os momentos da história*”.

A hora do *clik* registra traços instigantes em que considero o tempo como o melhor momento, porque, sem amarras, junta o passado ao presente na expectativa de que o futuro seja construído com suas verdades.

Busco nos traços instigantes respostas, em diferentes campos e, assim, emocional e culturalmente me fortaleço ao nutrir equilíbrio entre a paisagem e a reflexão da imagem, como relevância e suporte à mente e ao valor que a arte tem na posteridade; não como doação e sim pela qualidade que desempenha em minha vida. Douglas Mansur revela, “*Fotografo no claro / Revelo no escuro / Amplio na luz vermelha / Na luz do passado vejo a história*”.

Interessante como as pessoas interpretam de maneira diferente uma mesma paisagem. Enquadram a imagem com o objetivo mobilizador do pensamento, dando o toque pessoal à fotografia.

Atualmente, quando vista uma paisagem considerada interessante, a imagem é registrada através do aparelho celular e, imediatamente, colocada nas redes sociais. Essa é uma das variantes do mundo moderno. No entanto, há a tendência de que o uso do celular para fotografar e divulgar traços instigantes estigmatiza comportamentos ditos despojado, não sendo algo culturalmente relacionado à arte, o que seria comprovado apenas pela sensibilidade de cada um.

Traços instigantes: imagem *versus* paisagem, ganha como aliado o aparelho celular no possibilitar desvelar com habitualidade o momento de contemplação. É impacto que põe em xeque a motivação *versus* arte, emoção *versus* momento. Que, sem rotulações abre portas para a imaginação em leque de possibilidades para atribuir significado aos traços diferentes, esculpido através da vivência, com o poder transformador das artes, como escreveu Margarida Reimão, “*Uma realidade marcada na moldura de um quadro...*”

## SOLHA, a FORÇA da CULTURA

Ensaio sobre “*Os Livros de Arte*” de W.J.Solha é pura cultura. Ele se filia a uma versão do real maravilhoso. Ímpeto criativo e rico que, sem sombra de dúvida, se diferencia pela maneira como cria *Sobre as Artes*, com teor literário, na busca da confluência cultural.

Encantada com o ensaio e suas imagens; com a maneira como ele se infiltra na amplitude das associações de ideias; como ilumina cada situação vivida ao mexer com a memória e lembrar sobre a sua vida. Nós leitores ganhamos com a beleza e a cultura repassadas, que desafiam nossas vidas e, em cada caso, produzem resultados diferentes em circunstâncias diversas, alterando o cotidiano.

Solha descreve a *Arte* com conotação de metáforas recheadas de incomparável beleza no que lá vemos e lemos, pela sua capacidade de representar a força da cultura através de como ele a representa no papel, o que vai muito além da nossa imaginação.

Grande Solha, a quem o entendimento da arte deve ao trabalho de mostrar as passagens poéticas de importantes autores pictóricos, lembrando-nos da importância que tem em nossas vidas.

O Mestre, ao desafiar o traço, revela a importância da sua arte que, muitas vezes, passa despercebida no cotidiano. Ele nos coloca às voltas com a arte de escrever, ler e pintar ao “desenhar” a força da cultura, fazendo-nos repensar o jogo do passado e do presente como referência da vida. Ainda, estimula-nos a raciocinar além dos padrões convencionais sobre os conceitos, o gosto, o diferente, os tons, o que foi e o que é, como parte do tempo em que os ideais iluminam a história.

Apropriamo-nos da força cultural de Solha, que a sua riqueza está na conscientização e interesse em mantê-la viva.



## MUSA(S)

*“Seu amor canta poemas / seu amor é poeta / Dito,  
consagrado, proclamado / por loucos e ouvidos e comendas.  
// Mas tu és dele a musa / et tu l’amuses / uma musa discreta,  
// verdadeira elegância que ri / como menina nos campos e  
mares / Ah! Feliz do poeta que teus ares respira, // como ave  
que voa tranquila nas alturas / pensadas e abertas! Se ele te  
usa, / minha cara, só tu, razão e beleza, o inspiras...”*

(Fernando Andrade)

Musas são como o vento forte contra a poeira; dominam os papéis literários, as obras de arte; são como palavras escritas em telas, como a cor e a sensibilidade das formas.

O pintor paraibano Flávio Tavares mostra-nos que domina as mulheres em suas telas, põe em seus quadros o símbolo da fertilidade: as mulheres sobressaem. Elas são representadas como santas, pastoras, grandes amantes, domadoras, protetoras e anjos. Ele usa com adequação o colorido para expressar o belo, conseguindo efeitos significativos: a tristeza da mulher enfeitada; puxar o véu para junto de si e saber que será levada pelo vento: seduzir, ser vencida; ser jovem, ficar velha. Por fim, Flávio Tavares conhece as mulheres. Mas, será que Tavares teve a oportunidade de, entre todas as suas mulheres, conhecer as Alices? Alice Brueggemann e Alice Soares: as mulheres que dominaram as telas, as musas gaúchas da pintura.

As duas Alices, artistas plásticas, com muita afinidade e convivência artística, foram trabalhar no mesmo atelier, chamado “Aliciano” pelo pintor Ado Malagoli, incentivador do agrupamento, para alcançar o caminho da profissionalização e comercialização das obras.

Elas, ao reunirem pintura e desenho, lado a lado, em busca de aprimoramento, expressando emoção e sensibilidade, passaram a conviver com a nova perspectiva e o pensamento artístico comum.

Alice Soares, com seus crayon e pastéis, tendo como tema a criança universal; Alice Brueggemann, com seu olhar, tem por tema a figura humana, a natureza morta e as paisagens.

Diante da mesma imagem, as musas de Flávio Tavares e as Alices estão vinculadas à persistência, à criatividade e aos sentidos em ação. Uma verdadeira festa de tintas e cores, desenhos e figuras, onde podemos descortinar imagens como as do poema de Fernando Andrade.

## TRADUZINDO a ASPEREZA da PEDRA

"Ao mestre João Bez Batti por traduzir a aspereza da pedra, a leveza e o brilho das esculturas. Sente na pedra / a finitude / e a ultrapassa / em golpes / (as razões) irracionais dos atalhos como amar a solicitude / e aos gritos expulsar / do ato a insignificância // - os dias rápidos em passagens / permanecem: na pedra a permanência / aguarda nova explosão - // a transformação se adensa / em novas formas / e polimento / e a pedra está além / da finitude: o infinito / da obra / acabada."

(Pedro Du Bois)

A arte está focada em estimular a criatividade através de exclusivos sensores de imagem que disponibilizam os "olhos" para guardá-las.

Bez Batti canaliza sua criatividade através das esculturas em basalto, o que acontece continuamente na sua produção com maior variedade e formatos. Para desenvolver o seu talento, o escultor busca experiências concretas de superação de desafios e o foco nos objetivos, sempre relacionado intimamente com a lapidação da pedra. Peças demonstram que a pedra - ritmo e movimento - exerce funções fundamentais na criação do artista. Com talento, criatividade e asas para voar na imaginação, seu traço em comum vai além, retrata o mundo em ampla coleção de imagens, traduzindo a aspereza da pedra.

Espalha sua criação pelo mundo e continua focado no desenvolvimento de novas esculturas, primeiro, em desenho, depois, sucessivamente, em basalto. Destaca as pedras em que revela o domínio da anatomia; apresentadas em diferentes cores e esculpidas

em diferentes formas... um trabalho com traço firme e rigoroso, emocionando o espectador.

Esse gaúcho, João Bez Batti, conquistou o seu espaço nas artes plásticas, confere o papel de espelho às pedras; ele as vivifica ao transformá-las em objetos de arte.

## CENAS DA VIDA

Por definição, o alinhamento com a vida nos dá conforto, prazer, descontração e união. Ana Maria Lopes expressa, *“Quem quebrou a taça vermelha? / Onde está o controle remoto? / Pra que esse prato em cima da tevê? // Doce vida, atribulada, / que levo com você”*.

Ler teorias ou questionar não basta, é necessário aprender, cultivar e reescrever em cada página da vida os valores éticos para chegar à solução, não só como proposta, mas, como momento para misturar as diferentes formas de pensamento e sentidos, para bem convivermos com a diversidade.

Quanto mais cenas vivenciamos, mais posturas assumirmos e mais interessantes se torna o dia a dia. Ótimo ponto de partida para escolher parâmetros e dar unidade e consciência aos nossos direitos e deveres é agir para obter o alinhamento. Não importa o estilo, pois, o escolhido é o nosso jeito de colocar nossa assinatura nas cenas da vida.

Assim, o artista plástico Carybé, através da pintura, desenho e escultura, representa as cenas do cotidiano baiano dos anos 70 e 80. Com traços e cores, conta histórias de pessoas humildes e da vida dos pescadores. Além disso, Carybé é autor de várias histórias, das quais, algumas foram transformadas em crônicas por Rubem Braga. Carybé foi capista dos livros de Gabriel Garcia Márquez, ilustrador das obras de Jorge Amado, do Macunaíma de Mário de Andrade e do filme O Cangaceiro de Lima Barreto.

Na cena da vida de Carybé, o mais curioso é que, entre tantos talentos da década de 30, também foi integrante do Bando da Lua, acompanhava Carmen Miranda, tocando padeiro.

Nas cenas da vida o importante é mostrar quem somos; quais as nossas crenças e princípios. As atitudes contam para agrupar imagens, pessoas e paisagens, com o objetivo de alcançarmos a mudança e, assim, sermos parte integrante da historicidade. Isto vale como opção

para obtermos harmonia entre as nossas diferenças, e o que queremos privilegiar nas cenas onde há “liberdade com responsabilidade” e alcançar a melhor versão para o viver. Segundo Helena Rotta de Carmargo, *“Na busca por soluções / para os conflitos / da humanidade, / há planos estratégicos / e armas inofensivas: / canções, / córregos / abraços, / jardins, / poemas”*.

Acredito que a convivência nas atividades diárias gera comprometimento para o bom alinhamento nas cenas; para entender a amizade bem costurada, o espelho refletindo as faces, os sorrisos e os afetos, a memória e o diálogo como resposta em nossas relações nas questões do cotidiano.

Uma vez que queremos dar uma guinada nas cenas da vida, para a nossa felicidade, o importante é conciliar parcerias e discursos na construção e fortalecimento da mudança. Assim, poderemos nos sentir estimulados e estimuladores para, no amanhã desafiar e vencer o impacto do novo. Ter liberdade para expressar opiniões e assim obter respostas. Usando o nosso talento acrescentamos chances para chegarmos a um mundo partilhado intencionalmente, com estímulo à reflexão para o crescimento pessoal e profissional.

Ao reconhecermos os estímulos no alinhamento das cenas da vida, perceberemos o que afeta nossos sentidos e reequilibra o cotidiano na conquista do espaço para o bem estar, no qual está em cartaz a nova visão da vida, com suas cenas e personagens diferenciados em trajetórias convergentes na vontade para mudarmos as cenas da vida.

## AQUARELA do VÔ LINO

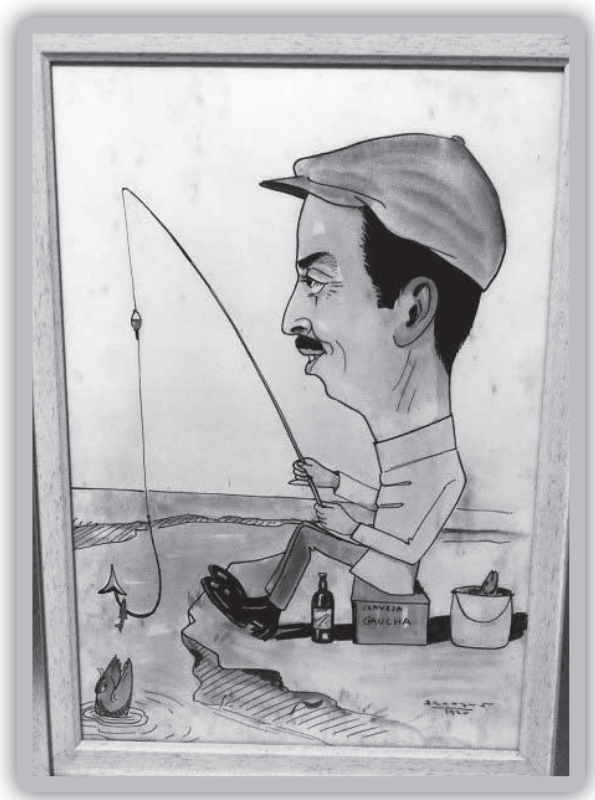
Em qualquer hora do dia, paro para olhar a aquarela com a caricatura do vô Lino, pintada em 1920, e que nos faz companhia no escritório do apartamento. Vêm as recordações... Paro no tempo e busco revê-lo na pescaria, onde a paz, o silêncio e o prazer de estar sentado numa caixa de cerveja Gaúcha, na beira do rio, expressa a sua alegria e a beleza do seu viver. Nas palavras de sua bisneta, Marina Du Bois, *“Não importa como ele tenha sido conhecido até agora, ele nos reencaminha suas experiências e lembranças...”*

O pintor produziu a sua identificação através dos traços e cores, recontando passagens desconhecidas por nós. Ao retratá-lo, derrubou a escuridão e lançou luzes sobre uma vida autêntica, desvelando o lado que talvez só ele tenha vivido.

Considerando que os “poucos” familiares que ainda vivem estão em idade avançada, pergunto quem deles se lembrará daquela paisagem como obra “viva”? Então, penso em Carpinejar que escreveu: *“Será que o domingo e o esquecimento / são dias iguais?”* E, em meio a tantas lembranças em desordem, só consigo ver o tempo passar e sentir a amargura de a memória ser tão frágil e desleal.

Hoje, venço a saudade e, naquela aquarela, consigo ver o seu sorriso e guardá-lo no meu viver, porque estou aprendendo a cultivar, sem alarde ou sofrimento, o desejo do coração. Pedro Du Bois seu neto, expressa: *“... Não tenho suas mãos sobre as minhas / nem sobre a minha cabeça; //... apenas alguns pontos na paisagem. //... Nela o tempo não ventava, / nem a tempestade caía. //... na vida e na morte, //... sua memória libertada / para reviver a vida / na repetição das lembranças”*.

Ao fazer a releitura da aquarela, consigo conversar com ela, num momento especial em que os olhos iluminam a imagem do rio em gesto de audaz pescador. Tomo-a nas mãos e sinto a história dizer, o vento soprar, a dúvida pairar e a saudade murmurar o seu nome: Lino Schell de Quadros.





## PORTINARI, ENTRE TRAÇOS

"A pintura é uma poesia... / A poesia é uma pintura..."  
(Mansueto Bernardi)

A arte nos possibilita adquirir informações sobre o cotidiano e, a partir desse momento, passamos a nos conscientizar do valor da cultura, enfatizando a importância da obra como diálogo entre diversos olhares sobre os traços, como cenário.

Um dos ícones no Brasil foi Cândido Portinari (1903/1962). Artista paulista, de origem humilde, representou as mazelas do povo brasileiro, a partir de pequenos esboços até em grandes murais.

A arte propõe um diálogo entre a pessoa/leitor e o pintor/autor na convergência de estilos, técnicas e sensibilidades e interesses para dar nova leitura desse importante gênero na arte.

João Montanha faz uma homenagem ao mestre, com o poema *Despejados de Candido Portinari*, "*Desorientados / À beira da linha / Onde o poema passa / Eles... / Que sem onde / Deixam-se ficar // À margem / Despejados dos parágrafos.*".

Cândido Portinari será lembrado como um condutor para o enobrecimento da realidade, porque não perdeu de vista a face imutável do homem brasileiro. Ele deixou um imenso acervo (quase cinco mil obras), para apreciarmos e nos conscientizarmos do seu valor; ainda hoje uma das obras mais representativas da brasilidade encontradas nos museus. Também inaugurou a sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.

Portinari é a representação profunda do povo brasileiro, que mostrou a nossa realidade, misturando vidas, cores e traços, como a reflexão de Pedro Du Bois, "*Quantos momentos / podemos fazer / contar num único / quadro emoldurado / dependurado na parede / como caminho aberto para o outro lado?*".

## A IMAGINAÇÃO é SUFICIENTE para DESCREVER o MUNDO?

*“Imaginário //... penso em palavras / chego  
a ti / penso em liberdade / chego a ti / penso  
em versos / chego a nós...”*

*(Carmen Presotto).*

O mundo da imaginação se revela como arte literária ao oferecer ao leitor bons momentos de prazer, conhecimento e boa dose de diversão e emoção que, com técnicas multiplicadas em recursos expressivos, especulam como seria o mundo. Em linguagem mágica há número significativo de motivos que o leitor, orgulhosamente, conecta com o seu tempo e também com os interesses desse tempo. Nas palavras de Gabriel Garcia Marquez, *“acho que a imaginação é apenas um instrumento de elaboração da realidade. Mas a fonte de criação, afinal das contas, é sempre a realidade”*.

No mundo da imaginação, encontro no tempo palavras onde os valores sociais e individuais se movimentam conforme o escritor sente a vida ao registrar a passagem do tempo, marcado pelo seu estilo e percepção apurada sobre o mundo. Para Proust, na visão de Umberto Eco, *“o estilo torna-se uma espécie de inteligência transformada, incorporada na matéria...”*. Luiz Coronel demonstra, *“... faço um barco de papel / dos cantares que componho. / Me vou com as águas da chuva, / levando meus versos / por mares e por granjas. / No verso, quero que sintas / o sumo bom das laranjas”*.

Num mundo de contrastes é significativo rememorar e reavivar a imaginação com talento e arte para descrevê-lo, que ao ser revelado pela palavra transforma magicamente o cotidiano em histórias. Certamente, essas histórias contribuem para que possamos participar do mundo criativo de luzes e sombras, como revela Dinair Pires, *“Se*

*“eu” não fosse “eu” / e noutro reino vivesse / gostaria de ser um passarinho // com plumagem leve / voar sem limites / tendo o céu por moldura, / o chão como apoio / e o ninho... para repouso”; Sérgio de Castro Pinto apresenta, no livro *Zôo Imaginário*, “a zebra / é a edição / extra // de um cavalo / que virou / notícia”.*

No mundo da imaginação há medidas que começam pela ilusão de estarmos diante de um novo mundo, o que pode nos roubar o espaço e a alegria no pensar e, conseqüentemente, de nos inspirar, pois, como em Nilto Maciel, *“Minha imaginação é tão prodigiosa, que consigo escrever mentalmente um romance a cada noite. Entretanto, não tenho capacidade de copiar, de transpor para o papel nem a milésima parte do que imagino”*.

Por essa razão, revelo que a imaginação provoca modificações no escritor/leitor, suficientes para descrever uma nova realidade a partir do mundo em que vivemos.

## EM EXPOSIÇÃO GLAUCO RODRIGUES

Dani Rossi escreveu que *"Falar de arte, fazer arte, reconhecer a arte, já é uma grande arte"*. Glauco Rodrigues é arte - retrata em telas a imagem da vida e denuncia o estado crítico da marginalidade consentida, resgatado da mitologia urbana. Transporta para o amanhã o sentimento do povo brasileiro.

A arte está presente no nosso cotidiano e as cores combinadas se transformam em expressão que nos permite a releitura sobre as impressões do novo, como demonstra Eduardo Barbossa, *"Ver / para poder ouvir // formas carregadas de significados / falam linguagens complexas / exclamam simbolismo / gesticulam indagações..."*

Nem todos conseguem captar uma obra de arte e perceber a sua mensagem, mas, a sintonia e o elo entre o olhar e o quadro alimenta a cumplicidade e nos leva a novos encontros.

A presença de produções artísticas também reflete o espírito da época, recriando vidas, misturando traços e cores, na revelação dos sentimentos pela beleza de seus gestos e ritmos, como na obra de Glauco Rodrigues. Manfredo de Souza Neto salienta: *"Não creio que a arte possa mudar o mundo. Ela pode, quando muito, colaborar para mudar a cabeça dos indivíduos"*.

O brasileiro tem memória curta. Mas essa memória curta não é tentativa de esquecer as obras de arte, mas o conjunto de desilusões e perdas que o levam à indiferença, assim como a vida trata alguns artistas plásticos.

Na nudez do rosto encontramos o conhecimento que reflete a proposta de pensar a arte: pelo jogo de luz e sombra. Nesse contexto, tomamos o lugar escuro, como forma de reavivar o lado claro das aparências que envolvem o ser humano. Segundo Pedro Du Bois, *"A obra de arte... // define o tempo / refulge como luz anunciada / reflete a história / induzindo à reflexão do espírito / onde acaricia os olhos / fazendo a mente trabalhar / seus significados..."*.

Uma forma de cultura não destrói a outra, porque quanto mais o homem nela estiver incluído, mais aumenta as suas expectativas do viver. Às vezes, é preciso que as pessoas se habituem às artes, para que a discussão sobre o novo seja feita e a reflexão possa ser lembrada como melhor medida: o estado da alma como personagem com memória, como retrata Fernando Pessoa, *“A arte é a magia que liberta a mentira de ser verdadeira”*.

Ao apreciarmos uma exposição das obras de Glauco Rodrigues, vemos, além do domínio técnico e beleza, a certeza do objetivo alcançado através de grande processo criativo, sensível e emotivo. O resultado, ao valorizarmos uma obra de arte, é o que fica na memória; o essencial para a vida: ver aquilo que está sendo mostrado. Essa leitura é, talvez, uma das formas para libertar a mente.

## CORTE(S)

Tenho assistido a muitos cortes na área profissional, que acontecem por vários motivos. Apesar de eu levar uma vida normal, fico angustiada em descobrir a ocorrência de tais estratégias por parte dos patrões, ao agirem em prol do aumento de suas conquistas.

Cortes são palavras e conceito discutível, pois, envolve vários significados. Seja qual for a meta, pequena ou grande, é possível deparar-nos com tais cortes, de energia, água e telefone; na censura de gestos, palavras e na contenção de despesas. Realidade dura e delicada que exige o querer lutar por causa justa, desejando integração num mundo em que os cortes teimam em nos separar. O comportamento diante do tema revela que só conseguimos pensar em nós mesmos, como sobreviventes na área profissional. Fernanda Montenegro expressa, *“A grande diferença entre a crítica e os atores é que nós estamos no palco por uma grande vocação. O crítico muitas vezes está só de passagem”*.

Ainda há o significado do rei, com seu entorno de aristocrático e monárquico, excluindo a população - plebe - em geral. Quando nos referimos ao corte, temos a lembrança do “sangra”. Por exemplo, em 1952, uma crítica de Ferreira Gullar corta o talento de Portinari, chamando-o de “pintor esquemático”.

Chama especial atenção os princípios utilizados no corte que, infelizmente, é a da situação que não podemos deixar passar em branco, porque é difícil aceitar o corte quando se trata da sua aplicação sobre a nossa experiência, como flagrante do cotidiano. Quanto mais moderna a vida, menos tempo temos para nos preocupar com quem foi “cortado” do nosso meio de trabalho ou do grupo de amigos, pois, tomamos caminhos opostos e a competitividade é grande - “hoje ele, amanhã eu”.

Penso podermos evitar os cortes e reconstruirmos as chances de minimizarmos os riscos. Ao assumirmos tal responsabilidade pro-

fissional e social, estamos compartilhando a liberdade de expressão ao nos conectar com a vida. Conscientemente, vozes se multiplicam e inspirações refletem sobre o que, e quem, é significativo na obtenção de rotina flexível e de vida plena em diferentes situações do dia a dia. Postura que pode trazer emoções no elaborar e transformar em desafio a imaginação; como em Aparício Torelly, conhecido como o Barão de Itararé, humorista e frasista, que colaborou em pasquins na faculdade de Medicina em Porto Alegre. Sobre ele, Jaime Brener conta que, numa prova de anatomia, o professor lhe perguntou, *”Quantos rins nós temos?” Ele respondeu, “Quatro... Dois eu mais dois o senhor se for uma pessoa normal”*.

Corte(s) são males que cortam nosso crescimento pessoal e, também, dizimam a criatividade e a espontaneidade, as paisagens, o brilho do Sol, o verde da grama, o frescor da chuva, o sorriso e a lágrima; exterminam o passado no presente e, ainda, buscam nos fazer culpados pelo modo pessoal com que respondemos ao vivenciar os ataques.

Pergunto: será que lembramos todos os tipos de cortes sofridos no decorrer da vida?

## YAMANDU COSTA: SENHOR DAS ÁGUAS

*“Cordas entre dedos / ágeis / coordenados // cordas entre sentimentos / rápidos / extremados // cordas entre mãos / leves diáfanas // Yamandu entre cordas / sentimentos / dedos / mãos”.*  
(Pedro Du Bois)

Yamandu significa, em Tupi-Guarani, senhor das águas. Considerado o gênio das 7 cordas; o virtuoso do violão; o fenômeno dos pampas. Estou falando de Yamandu Costa, jovem gaúcho, de Passo Fundo, que entrou para o rol dos “*monstros*” da música instrumental brasileira. É também chamado de o novo Raphael Rabello, mas com raízes diferentes. Raphael se criou a partir do choro. Yamandu com a música regional do sul. A semelhança entre eles está na maneira de tocar.

Yamandu é uma das maiores revelações da música brasileira, emociona plateias com seu violão de 7 cordas. Fez seu aprendizado e teve a sua inspiração junto ao violonista argentino Lúcio Yanel.

Pedro Du Bois, com admiração, o homenageia com o poema, “*O golpe seco / leva a corda / ao silêncio // dedos dedilham / deslizam // encontram cordas / exatas / cravelhas ajustadas / golpeia / leve com a mão // brinca / onde outros se esforçam // sorri em agradecimento*”.



## MULHERES, MUSAS? QUEM SÃO?

Um time inspirador de poetas e compositores provocam a beleza do viver através das palavras que, supostamente, retratam o auge de uma época de expectativas ao escreverem sobre mulheres. Entre tantos, destaco Chico Buarque, com *Carolina*; Tom Jobim, com *Luíza*; Dorival Caymmi, com *Marina*; Cauby Peixoto, em *Conceição*; Ronaldo Monteiro de Souza e Ivan Lins, com *Madalena*; Mário Lago e Ataulfo Alves, com *Amélia*.

Fascinados pelas mulheres, se envolvem no enredo para representar o tempo, na influência dos símbolos como inspiração e na releitura da história que não se limita em misturar, mas, que se une ao nosso viver.

O curioso é saber quem elas representavam. Que significado tiveram na vida de cada compositor, escritor e poeta?

A canção *Carolina* foi classificada em 3º lugar no II Festival Internacional da Canção Popular, 1967: “*Carolina // Nos seus olhos fundos / guarda tanta dor / A dor de todo este mundo // ... Lá fora, amor / uma rosa morreu / uma festa acabou / Nosso barco partiu...*”. Diz Humberto Werneck que a canção nasceu a partir da proposta conciliatória feita por Walter Clark, em nome da Rede Globo de Televisão de que a emissora dispensaria a multa contratual em troca da inscrição de uma canção do Chico no FIC (1967) e daria, assim, por encerrado o processo judicial. Chico aceitou a proposta e compôs a canção *Carolina* durante um voo. Interpretada por Cynara e Cybele, do Quarteto em Cy, *Carolina* perdeu para *Margarida*, de Gutemberg Guarabyra e *Travessia*, de Milton Nascimento.

Luíza é a canção de Tom Jobim, feita para a abertura da novela “Brilhante”, da Rede Globo, nos anos 1981 e 1982. A musa inspiradora da canção foi Vera Fisher, que era a protagonista da novela com o mesmo nome. “... *Vem cá Luíza / Me dá sua mão / o teu desejo é sempre o meu desejo // ... E um raio de sol / Nos teus cabelos / como*

*um brilhante que partindo a luz / explode em sete cores / revelando então os sete mil amores...*”

A Rádio Rio Verde FM conta que a morena *Marina* nunca existiu; que a letra foi composta de trás para frente. Numa tarde, Dorival Caymmi estava indo para a rádio e, por qualquer motivo, um dos seus filhos estava bravo com ele. O compositor mesmo assim seguiu para a rádio, quando o menino disparou: “Estou de mal”. A frase com a cara aborrecida do filho ficou na sua cabeça. No caminho da emissora, Dorival não pensava em outra coisa. É ele mesmo quem narra: “Na rua, essa frase ficou martelando na minha cabeça: “Estou de mal, estou de mal, estou de mal”... “*Marina, morena / Marina você se pintou... / Mas faça um favor / Não pinte esse rosto que eu gosto / ... Me aborreci, me zanguei / Já não posso falar / E quando eu me zango, Marina / não sei perdoar...*” Ao fim do dia, o clássico estava pronto e termina com uma sentença fascinante: *Desculpa, Marina morena, mas eu tô de mal*”.

A letra de *Madalena* foi composta por Ronaldo Monteiro de Souza em parceria com Ivan Lins. Retrata a dor de um término de namoro. de quem para se consolar foi a um bar de Copacabana; lá, olhando o mar, surgiu a frase que daria início à música: “*o mar é uma gota, comparado ao pranto meu.*” O resto da letra foi escrito num guarda-*napo*, ali mesmo. A musa Vera Regina, só ficou sabendo da homenagem tempos depois. Mas, por que o nome *Madalena*? Diz Ronaldo que não queria usar o nome de Vera Regina e que *Madalena* foi o primeiro nome que lhe ocorreu. Foi sucesso e se consagrou na voz de Elis Regina: “... *Oh! Madalena / O que é meu não se divide / Nem tão pouco se admite / Quem do nosso amor duvide...*”

Há passagens na vida que apenas notamos quando estamos sozinhos, como prestar atenção nas letras das músicas e passar a considerá-las como diferenças em nossos dias, pois nos devolvem há outros tempos, valores e gostos. A mulher é elemento que se revela na beleza da inspiração e criação, ao ser demonstrada a individualidade de cada uma dessas musas. Como *Amélia* (1941), letra de Mário Lago e música de Ataulfo Alves. “*Qual nada, Amélia é que era mulher de verdade. Lavava, passava, cozinhava...*” Logo, Lago fez o samba que começou com “*Ai que saudades da Amélia.*” Segundo Severiano e Zuza Homem

de Mello, “a canção nasceu de uma brincadeira de Almeidinha, que sempre que falavam em mulher costumava brincar.”

Dizem que Amélia existiu e, possivelmente, ainda vivia à época da canção. Era uma antiga lavadeira que serviu à família do Almeidinha. Em 1956, Cauby Peixoto lançou nas rádios a sua interpretação de *Conceição* que é sucesso até hoje: “*Conceição / Eu me lembro muito bem / vivia no morro a sonhar / com coisas que o morro não tem...*”

Verdade seja dita, quem melhor do que esse time para retratar as mulheres como inspiração poético-musical? Afirmo por considerá-los marcantes e por terem concretizado no papel, passo a passo, verdades sobre suas conquistas, na imagem da mulher com a força das palavras.

Tais obras de arte ao esboçarem suas escolhas, são lançadas na eternidade por refletirem o nosso olhar para com elas, onde ganham vida por serem retratadas nas artes além de suas épocas, na tentativa da construção de um mundo que, mesmo não sendo perfeito, traz a valorização da realidade da mulher. Como “embriaguez” imaginativa: o lugar, o momento, a musa e o êxtase pela criação, onde encontramos a luz e ao louvamos a mulher em cada canção, que, com certeza, de uma forma ou de outra, marcam as nossas vidas.

## MENTE BRILHANTE

Mente brilhante possui aquele que consegue transfigurar o nada ou o cotidiano em algo que nos surpreende pelo brilhantismo.

Somos acomodados. Às vezes, sentimo-nos anos luzes distantes, quando percebemos que as pessoas não nos ouvem e nem querem saber das novidades na literatura e na cultura; muito menos possuem compromisso...

Será que vale morar num mundo sem mentes brilhantes? Vivemos apenas da rotina matematicamente imposta? A vida corriqueira nos leva, muitas vezes, a pensar que o travesseiro é a melhor companhia, pois, se ajusta ao corpo, é confortável, não reclama e nem nos pede nada.

Quer saber? Para viver precisamos de alarmes através de pessoas dotadas intelectualmente, que pensam com a certeza de que podem nos “cotucar” com suas impertinências, conhecimentos, curiosidades e criatividade para nos levar a enfrentar o dia a dia, antes de irmos para casa “conversar” com o travesseiro e excluir suas mentes brilhantes. Nesses momentos somos salvos da mesmice, não precisando mais do que uma fração de segundos para reconhecer termos a possibilidade de trocar outros olhares para com o mundo onde, possivelmente, encontraremos essas mentes brilhantes, porque talento não tem limites. A partir daí, temos motivos para mudar a nossa rotina no aproveitar boas ideias, como foi o caso de Fernando José Karl que, em 1997/98, ganhou o Prêmio Cruz e Souza de Literatura, com o livro de poemas, *Travesseiro de Pedra*; brilhantes título e texto.

Há graça em nos sintonizar com a cultura literária, pois, ela torna nossa convivência agradável e, com ela, podemos ir além da rotina. Também, podemos transformar o “talvez” em “sim ou não” para continuar a viver sem ficarmos indiferentes as mentes brilhantes, que são a garantia de muitas emoções, como em Laerte na charge “*Você está cercado de ignorantes! Saia desse livro com as mão para cima!!*”.

# COMEMORAÇÃO

É prazeroso chegar ao final de uma comemoração com a satisfação de que tudo o que construímos foi útil e produtivo e, ainda, está refletido no espelho do viver.

Esse sabor de festa contribui para lembrar que os caminhos transbordam a alma e levam a marca da juventude, onde os sonhos aparecem e o que mais importa é o que aprendemos e ensinamos; criamos e construímos no tempo que permanece quando uma porta se abre e vemos o que realmente importa, como no poema de Júlia Du Bois, *(Des) Ilusão*. Ela, em seus dez anos de idade, encontra a emoção como fonte da razão e se revela em palavras, *(Des)ilusão // “ Quando eu era pequena, / tive uma ilusão / que me deixava tão feliz, / e agora me deixa sem consolação. // Eu sonhava com um mundo / sem um papel no chão, / um mundo no qual / não havia nenhum lixo. // Agora, já crescida / sofri uma desilusão, / pois percebi que com esse mundo / eu sonhava em vão.”*

Num mundo de excessos o que importa é a reflexão sobre o que desejamos, queremos e conquistamos. Comemoro o prazer de viver e assistir à composição poética de Júlia que, com sentimento, objetivo, conhecimento e vontade espalha palavras no tempo onde a magia torna real o seu pensamento.

Para comemorarmos não faz diferença onde nos encontramos desde que possamos levar conosco a sensação e o sabor da criação. Nas palavras de Antônio Cícero, *“Nada do que fiz, por mais feliz, está à altura do que há por fazer”*.

## DIA FORA de HORA

Sento-me à beira mar, onde espelho o pensamento e, num piscar de olhos, vejo o dia fora de hora, pela janela da vida. Começo o dia falando do que vejo, do que une e do que me distingue entre as palavras: dos riscos e rabiscos. São artes que contemplo em ordens de grandeza; apenas, maneira de me concentrar e descontraír e, assim tornar o meu dia fora de hora, que contracena na maior parte do tempo com a intensidade do momento. Lia Luft retrata, “... *minha mão procurava a sua no sofá para dizer que em nenhum momento me esquecia*”.

O dia fora de hora traz os sentidos contraditórios da solidão; leva-me para longe do vazio, mesmo não intencional, mas diferencial. É movimento capaz de incendiar os sentidos, porque o afronto e a ele me entrego como fio de navalha.

A cumplicidade flagrada pela sedução das artes, que depuro em linhas de grandes encontros reais e desejados, como as marcas que encontro em Ivaldino Tasca e Renato Teixeira. Cruzam meu pensamento fossem arautos do dia fora de hora; espelho partilhado contido em semelhanças, referências e reverências às múltiplas artes, onde vejo o SER que se revela na caminhada como representantes das cores da vida: música e literatura.

Dia fora de hora é o encontro com a luz em suas variantes, o que me impressiona como delicadeza e grito que se cala no tempo que passa e que se anuncia na troca dos tons. Como expressa Luci Collin, “... *Sobre a avenida de tinta / ousamos passos crus, escorregamos, singela coreografia... // e às vidas de sobra*”.

Dia fora de hora se desprende do que falta e do que sobra e me conduz ao livro *A Leveza do Traço*, de Pedro Du Bois, para fazer a diferença. Também, no escritor, artista plástico e dramaturgo, W.J.Solha, em quem o limite da arte é a linha do horizonte. Nas palavras de José M. Wisnik, “... *as grandezas grandes e pequenas se*

*entendem*". E, em Alice Ruiz, para quem "*entre uma estrela / e um vagalume / o sol se põe*".

Digo que o dia fora de hora se torna significativo no vivenciar a maestria do peso e do tom de cada palavra em cada traço. Transforma o meu dia num enigma sem mistério, pela complexidade feita com a simplicidade do viver. Como o tempo que me envolve nas lembranças que vagam e acendem o meu viver, mas, não me torna mais sábia e sim mais curiosa: os sinos marcam meus passos. O vento carrega a minha voz. Na vida, tudo o que escolho e aprecio, retorna em palavras como as de Alice Ruiz, "*pensar letras / sentir as palavras / a alma cheia de dedos*".

## A EXPRESSÃO no ESPAÇO GAÚCHO

*"... a morte entalha os caminhos/ e nos carrega em lembranças //... na falta que fazemos ao tempo não decorrido / reside à dúvida da continuação /em vazios espaços..."*

(Pedro Du Bois).

Roberto Cidade - Roberto Augusto Machado Cidade -, reconhecido criador nas artes plásticas, representou a expressão que revela os sentimentos através de suas esculturas, escolhendo o metal na sua trajetória artística. O escritor Armindo Trevisan apresentou o trabalho de Roberto, com reproduções, em *Escultores Contemporâneos do Rio Grande do Sul*. Escultor com participações e distinções em diversos salões e exposições no Brasil e no exterior.

Roberto Cidade foi um escultor que manifestou o sentido da liberdade através de suas obras, com a utilização de sucata, fundida em bronze, que desnudam a natureza humana quando diante dos espaços vazios.

Pensar na razão por que alguém ocupa ou determina a hora da morte, ou de atacar o autor dos "*Guerreiros*", é estar diante da reação em relação ao espaço vazio em que se encontra; é perder a sensibilidade, a essência e retornar em vazios onde o tempo, as lembranças e as artes plásticas sucumbem vítimas da barbárie.

São dolorosas e amargas as palavras do amigo Armindo Trevisan: "*Como choro agora... pelo Roberto trucidado na presença do filho, de oito anos, que dormia no mesmo quarto! Foi esse garoto quem descreveu à polícia a reação do pai à tentativa do roubo*".

O fato revela que o gesto é a sombra que nos leva e torna os espaços vazios em claridades - ou as razões para entender o fato, com a finalidade de nos fazer acreditar que podemos ocupar o espaço va-



zio como lembrança: as esculturas de Roberto Cidade, deixadas como mosaicos na história das artes.

Indignada pela perda do grande escultor, consolo-me admirando sua escultura “*Guerreiro*” depositada em minha sala. Choro ao pensar que ele não mais produzirá suas obras; choro ao sentir que ele não mais se encontra aqui e que, tendo se situado no mundo através da sensibilidade, foi vítima da violência.

# INTERPRETAÇÕES

Será que as esperanças se cruzam anonimadamente na hora da interpretação? Há sentido na hora do recomeço? Interpretar seria o andamento desacelerado em declarações e restrições contidas nos sentidos? Nas palavras de Umberto Eco, *“A leitura de obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação”*.

Na repetição das noites ouço passos e sons, ainda não marcados pela mão da cigana que talvez interprete a vida em sustos diários; ou contem as horas com diferente olhar sobre a cena.

Na interpretação é permitida a imersão dos fatos e a dispersão das sequências das vidas expostas e colocadas de outras formas e cores, fossem dois pesos e duas medidas: a vida e a interpretação de cada um.

A interpretação em movimento recupera o olhar perdido, a imaginação e o talento de cada um, como em Pedro Du Bois, *“... Revejo as fotos que compõem o livro, / procuro a ideia principal naquele texto enxuto, / retiro o lacre / abro páginas ainda úmidas, / entrevejo, na história, as desditas do mundo...”*

Ao elevar o pensamento interpreto os atos e os fatos com olhar crítico, consideradas as situações pessoais e profissionais; assim, interpreto as mudanças, descubro palavras novas, sinto a poesia e conto histórias; torno-me ponte entre o meu viver e as ideias.

Momento de saber que tipo de interpretação faz diferença neste mundo que ele revela mais competitivo do que humanista. Ao refinar a escolha de acordo com a razão, descubro o caminho da sobrevivência cotidiana. Penso que o que faz sentido é a reflexão que pode romper com o padrão de comportamento ao se transformar em novo paradigma para a interpretação, de modo que me engrandeça. Segundo Agostinho Both, *“Ninguém pode fugir à exigência de buscar o agrado. E quem não busca a vantagem de exibir-se?”*

Palavra certa no momento certo, no mundo competitivo, traz soluções e atitudes que me capacitam a projetar a vida; Mia couto reflete, *“Quem proíbe o mel é a própria abelha”*.

## NOVAS ESCOLHAS

É tempo de mostrar excelência e deixar nascer a liberdade para agir e fazer novas escolhas, o que pode me levar a nova etapa na vida ao deixar de lado o medo e o preconceito.

Li que *“a ação vivifica, mas limita”*. Isto é, tenho condição de sentir o que faço no desafiar o medo existente entre os perdedores. A esperança adia o fracasso, que considero a contingência do nada. Acredito na vida e tento não crer no medo e nem duvidar das minhas certezas. Lúcio Costa escreveu que mesmo *“Quando tudo muda para ti, a natureza é a mesma e o mesmo sol se levanta sobre teus dias”*.

Não posso deixar de fazer o que gosto, mas, tenho consciência da ação e reação: se está tudo bem, ninguém critica e julga. Se a coisa vai mal, tudo muda. Por isso, preciso continuar a fazer o melhor para levar adiante a minha nova escolha. Mesmo que os conservadores, ditos donos da razão, não tenham coragem para assumir suas posturas no reconhecer e perceber a responsabilidade e a repercussão da minha nova escolha. Nas palavras de Pedro Bandeira, *“Lá na rua que passava / tinha uma livraria / bem do lado da farmácia. / Todo mundo ia a farmácia / comprar frascos de saúde. / E depois ia ao lado / para comprar a liberdade”*.

O mundo está voltado para eu fazer o caminho no reencontrar o melhor e, assim, enfrentar a hipocrisia e levar em conta a realidade como época de mudanças sociais. Com sensibilidade, vejo a dimensão da ação refletida em cada opção que dá continuidade à liberdade. Como em Carmen Presotto, *“novos rumos / instante / rotas / recordações // Um único beijo / é o que busco da / firme Terra”*.

Busco na liberdade de escolha entender e dialogar com a vida. Também para me arriscar e não ter medo do contato com o mundo, ao trabalhar para conscientizar as pessoas de que podem escolher como viver e modificar cada projeto escolhido. Dessa ação resulta detectar

e avaliar cada opção, marcada pelos efeitos da ação percebida através da conquista.

Saber combinar o sucesso sem medo das barreiras invisíveis, no desafio de falar sobre o novo assunto, é me colocar em pauta para discutir abertamente o que de melhor posso fazer no momento da escolha. W.J.Solha reflete, “... *pode-se dizer que a tropa de flores, / de anônimas Olga, camélia e margarida, Hortênci, rosa, magnólia, violeta e / dália, / exige um só jardineiro...*”

Ouso escolher e realizar no optar por não sentir falta *do outro lado*. Quero viver num mundo em que os filhos possam exercer suas opiniões: sim e não, pois, é importante questionar antes de julgar e definir e, ao se denunciarem, poderei perguntar: se agirem *assim e assado*, como serão considerados?

Acredito que tal tipo de reflexão e comportamento faça a diferença e, ainda, leve a assumir as novas escolhas para chegar à realização. Em igual proporção há um tempo flexível para que eu reconheça o que os desafios podem me desvelar o que de melhor existe para avançar na vida: novas escolhas, como a que aqui transcrevo, “*Não quero saber como as coisas se comportam. / Quero inventar comportamento para as coisas*”.

## SOBRE O SENHOR das ESTÁTUAS

○ *Senhor das Estátuas*, livro de Pedro Du Bois, se apresenta em: *Poemas para Bez Batti, O Senhor das Estátuas, Matéria Prima Matéria Bruta e A Revisão pelo Detalhe*. Podemos ler, como o encontro dos extremos, que se tocam no pulsar das apresentações, onde as estátuas se cruzam em nossos caminhos e permanecem na criação e na arte; como descreve na primeira parte do livro, em que faz homenagem ao Mestre João Bez Batti, que lapida a pedra e mostra a máscara onde a face do basalto desenha os fios da vida do homem: “*Sente na pedra a finitude / e a ultrapassa em golpes / (as razões) irracionais dos ataques / como amar a solicitude / e aos gritos expulsar / do ato a insignificância // - os dias rápidos em passagens / permanecem: na pedra a permanência / aguarda nova explosão - // a transformação se adensa / em novas formas / e polimento / e a pedra está além da finitude: o infinito da obra*”.

Du Bois e Batti esculpem a pedra e se deixam iluminar por ela ao desdobrar a inspiração como ferramenta da liberdade de criação. A poesia se reflete na arte quando trabalhada a pedra. Estar diante da máscara é estar ante a criação das artes plástica e literária do mundo e do ser, porque nelas encontramos os sentidos que se rompem na descoberta sob guardadas vozes.

N’*O Senhor das Estátuas* não posso negar que cada poema seja a máscara que se multiplica nas muitas formas que contemplam o todo e tudo fundamentam no que pode ser desvelado em gesto e palavra: “*Diante da imagem / chora a inexistência. // Lava o metal oxidado. / Leva a pedra ao ensolarado / dia de reconquista. // Deixa a máscara denunciar / a fluidez dos acontecimentos. / Referenda o nicho / onde reencontra a ideia / da sobrevivência*”.

O livro traz poemas que afagam, porque dão curso à estátua ao revelar a arte na pedra como tradução e reconstrução do pensamento em concretizando ato. Mistério sendo desvendado, onde Du Bois re-

inventa a realidade e nos contagia; que na abstração está a mágica de se ouvir a verdade, quando a vida se fia na máscara projetada na pedra: *“A insolência da pedra na imobilidade. / Não se constrange diante / adiante / ante que alguém / diga a verdade...”* O autor mostra que a pedra pode ser descortinada e esculpida na construção da vida de igualado tempo e espaço: *“Busca na estátua o significado / encravado pelo artífice: a dor / a fertilidade / o coroamento / a desfaçatez / a guarda do corpo / decomposto em tempo. // Rebuscada em sua esterilidade / a estátua traduz o despropósito / de ser tomada como referência”*.

A obra retrata o dom da pedra para não nos ausentar do mistério da vida. Os poemas despertam em nós a fonte das palavras, o grito da rotina e o instante em que a verdade é sempre autêntica em si mesma: *“A estátua sorri / abre os olhos / boceja / suas mãos retornam / à postura original / do corpo em movimento: // O senhor imobilizado em medo / não percebe o desejo em seu corpo: // não acompanha a estátua / em passeio diário. // Guardamos os olhos fechados / o pedestal vazio de intenções / e gestos”*.

Pedro, ainda, demonstra que a memória atravessa o tempo em nossos corações para (re) germinar o que um dia foi vivido: *“A criança / grita: estátua // A brincadeira se acomoda / na realidade”*. Sonhamos o sentido da vida e acordamos em realidades restritas; em outros mundos da poesia, onde nossas verdades ficam reveladas nas artes, como n’*O Senhor das Estátuas*, o poeta talha a pedra, sem lhe retirar a aspereza, em busca das palavras.

## PALAVRAS LIBERTAM?

Nas palavras de Maiakóviski, “... *Sei o pulso das palavras a sirene das palavras / Não as que aplaudem dos alto dos teatros / Mas as que arrancam caixões das trevas... // Sei do pulso das palavras parecem fumaça / Pétalas caídas sob o calcanhar da dança / Mas o homem com lábios alma e carcaça...*”.

As palavras ilustram e documentam nossa vida na conjunção de interesses em que, por vezes, desconhecemos a correlação entre os caminhos que ela percorre. Construir? Destruir? Renovar? Inovar? Desprezar? Reinventar?

Extraímos palavras em cores pretas e brancas? Vermelho, cor de sangue? Azul, cor do céu? Verde? Nada em que a nossa imaginação não esteja ligada ao movimento de replicar as cores para transformar o viver.

Procuramos por valores como uma das soluções nos discursos? Supomos que a nossa função é dizer a verdade factual como síntese expressiva para o caminho da liberdade.

Palavras descrevem sentimentos; traduzem as páginas da vida em versos; são suporte e composição que retratam o influxo das experiências. Às vezes, nos despem ao nos libertar e, assim, as superamos em cada diálogo com ponto, vírgula, interrogações e reticências...



## O OBSERVADOR

Em busca de final feliz, desvendo o desejo como forma de atrair a atenção do observador e capturar as diferenças no cotidiano em movimentos de pessoas diversas. Ao reconstruir as imagens, na transitoriedade de cada momento e cada traço, o observador se aproxima das artes plásticas e da poesia visual.

É o observador com sensibilidade que incentiva o escritor de telas e o poeta em produção criativa no aprimorar seus pontos fortes, dando rumo ao final feliz; ser observado é ganhar a vida com olhares de reconhecimento que refletem a qualidade em que está presente o saber, ao orientar e demonstrar o significado de cada parte notada. Nas palavras de Cândido F. Ferreira, “... *Amanhecer / E observar as nuvens dançando no céu / Para nós dois...*”

As artes tornam interessante o dia do observador, transformam a sua rotina no permitir que os contornos do viver sejam preenchidos com cores e formas; movimentos e palavras na possibilidade do momento de descontração, relacionado ao seu gosto.

O observador se revela no desejo de admirar as artes como fonte de inovação, capaz de elevar e equilibrar a sua rotina. Com o olhar faz análise crítica e indaga os desafios diários; ainda, pode ser referencial em determinado ponto, para alcançar o final feliz. Segundo Cândido F. Ferreira, “*Uma vontade de falar palavras doces / E observar um sorriso no seu rosto*”.

A maioria das pessoas quando olha para as artes não observa o quanto de magnífica é a criação; talvez, não sintam a sincronia e a harmonia do viver entre poetas e pintores. As influências, como convite para não se tornarem apenas sobreviventes e, sim, compartilhar e resgatar a vida em amplo sentido ao perceberem os movimentos da concepção na diversidade de ritmos, que se encontram latentes; força que reflete o desejo, juntamente com o saber de forma pro-

vocativa e livre, para ser observado nos entraves, nas ideias que esclarecem nossos valores, como retrata Jorge Xerxes, “O +4+0 / +OC4R você / O O1f4+O? 4 4udiç4O / Ouvir vOcê / 4 f4l4 / ... 4 vid4 / eu te 4mO...”.

## 3º movimento **TEMPO**

*" O tempo nos conta o que não  
queremos esquecer"  
(Noélio A. de Mello)*





## VIVER tem PREÇO

“Tudo entre parênteses / (a) / - até minha vida”  
(Vera Casanova)

É preciso ter tempo para nos envolver com a vida, entre desejos, interesses e necessidades. Por isso, buscamos a forma, a medida para entrar no movimento e nos dedicar as tarefas com o instinto de sobrevivência. Questionamos: se viver tem preço, qual é o nosso? Máscara sobre máscara? O gosto amargo na boca? A impunidade? A desumanidade? A insatisfação? Violentar a linguagem? A voz do silêncio? A paisagem de cimento? Para Carlos Higgin, “... *Quanto vale uma vida humana? Num mundo com tantos bilhões de seres humanos, uma simples vida parece valer pouca coisa. Quase nada...*”. Lia Luft, no livro *O Lado Fatal*, mostra o preço a ser pago.

Tudo é questão de medida; o que importa é conquistar o tempo. Ele é o preço que pagamos para viver; o relógio não para com seu tic-tac; o sangue corre nas veias no viés vivencial entre o ar que vem na contramão do desejo e se alastra no dia a dia.

Dependemos do tempo para estar aqui e ali, onde o preço são frases escritas, que muitas vezes se desenham na agonia do estampido; o sentimento ante a infelicidade e o murmúrio das ondas do mar. Parece muito? Ainda, arcamos com o preço quando vemos a vida no cotidiano e não percebemos o dia diferente; o quadro na parede; as sombras se movendo e os olhos dizendo “eu te amo”. Nas palavras de Valmor Bordin, “... *Afago em números / Há espaço em ti / para um poema?*”

Na outra face da moeda, o preço alto é o do vazio; do livro fechado; da voz estrangulada pela emoção do amor entre estilhaços da dor; das cartas com ponto final; dos vícios como liberdade e do calor solar através da vidraça. Vera Casanova demonstra que “... *Quando*

*os anos marcam / nosso corpo, / com as dobras, as veias, / as rugas, o saber sobre as coisas enobrece. / Caminhos percorridos / às vezes adiados / nem sempre contados. / Memória do viver”.*

Sem contar que nos esforçamos pagando preços diferentes pelo caminho em que semeamos fragmentos que afetam a vida e revelam impulsos interiores, forças contrárias e gritos de pressão sobre como vemos as horas. Ainda em Vera Casanova, “... *busco a fresta da janela / para respirar / ou quem sabe me inspirar ou expirar o silêncio / das coisas ditas pelo avesso”.*

As horas passam rápidas ou usamos mal o tempo? Temos tempo para realizar o que julgamos importante? Olhamos o tempo com o coração, para espalhar a paixão, as ideias e o sonho, mas, nem sempre questionamos os valores como algo cortante, como revela Paulo Monteiro, “*logo as portas do cadafalso se abrirão / e não mais serei escravo de ninguém / voarei como um pássaro / nem sei para onde...*”

O tempo é paradigma quando dizemos sim a tudo e ao nada. Em alguns dias vivemos das memórias; em outros, do presente; em ambos pagamos o preço para glorificar o melhor e o pior da nossa vida, como em Vera Casanova, “... *nesse redemoinho do tempo / vou anunciando as vozes / do passado e do presente. / Na escritura desses traços / nessa encruzilhada dos tempos / vamos deixando os restos / de nossos eus outros”.*

## “MEU TEMPO é QUANDO”

Tempo para mim significa algo que tem duração predeterminada, permitindo a noção da hora. O tempo muda rapidamente. Procurar preservar os momentos. É preciso estar de bem comigo mesma para coordenar o tempo e tentar ser produtiva. Metas claras dão sentido ao tempo, permitindo a vida fluir em novas possibilidades e experiências. Como escreveu Manoel de Barros, *“se o tempo não é humano, eu humanizo. Amarro o tempo no poste para ele parar”*.

O mundo das cores e formas é visto através do pensamento que, um dia, *comprovou* haver mais mistérios no homem do que no Sol em todos os tempos: passado, presente e futuro. O passado une-se ao futuro, misturando a natureza à cultura; o mito no pensamento científico e a solidão criada pelo homem diante do mundo. Nas palavras de Pedro Du Bois, *“... lembro a tua tristeza quando contigo não fiquei / era o seu tempo / e por ser tempo / passou”*.

O tempo me transforma, leva-me a cultivar o que gostaria que germinasse; ações baseadas no amor, na paz e na ética. Esses valores criam novas perspectivas e posturas para enfrentar o momento. Mas, todas têm algo em comum: renovar e enriquecer a vida.

Como disse Vinícius de Moraes, *“o meu tempo é quando”*; isto é, a arte de viver bem é feita de cultura, importante para cultivar a vida individual e social: *“De manhã escureço / De dia tardo / De tarde anoiteço / De noite ardo //... Nasço amanhã / Ando onde há espaço / - meu tempo é quando”*.

Parafraseando o poeta, digo que o tempo é quando se torna *“palpável e finito”*. A representação do tempo me leva a refletir sobre todas as dimensões, indagações e nas infinitas possibilidades sobre *estar aqui*, no retrato dos meus sonhos, em desafios e conquistas.

## TEMPO DE DESCONFORTO

O desejo de comprar e adquirir o livro vem da curiosidade ou do hábito da leitura. É o momento único quando nos descobrimos em convívio com a obra. Este momento se perde quando percebemos o estranhamento do livreiro em relação à obra e ao autor, o que gera condição de desconforto. Precisamos nos esforçar para compreender tal atitude; então, no perguntamos onde e como o livro permaneceu na livraria, se na prateleira entre os autores conhecidos ou no depósito dentro de uma caixa no depósito? Pior, sem “mais” explicações nos é nos devolvido dentro de uma sacola - fosse compra de supermercado -.

Universo em que sentimos as palavras se despedaçando aos poucos com o efeito do nosso desconforto. Fruto da incultura? Interesses comerciais? o que pode restringir os talentos? Nas palavras de Leonardo Munk, “... *um furioso cenário de desespero e caos, semelhante às mais obscuras imagens do inconsciente...*”.

Não é a toa que nos indignamos por não existir momentos para a reflexão, a leitura como espaço entre compromissos e afazeres. Seria benefício para a mente e desafio para os dias atuais. Marcelo Coelho expressa que “... *Há livros que não são propriamente livros, mas “livros eventos”, com autores no papel de convidados...*”, que “... *não dispõem de tempo para novas leituras, nem para rever o que já pensaram...*”.

Enfim, os livros não são comprados, “mofam” nas prateleiras e nas caixas. Para o escritor é “comum” ficar se remoendo e até com insônia pela condição de desconforto; termina por ser tragado em terrível círculo vicioso, pela permanência do livro na estante. Isto assombra, porque nossa mente é capaz de se esterilizar e não criar até que a sensação de desconforto passe. Caso contrário, pensamos demais sobre a questão, o que nos causa desconforto versus ansiedade e depressão. Sem mencionar a frustração por nem ser exposto na vitrine da livraria e o medo de não ser lido se incorporar na nossa rotina e, assim, perdermos o lado criativo.



Criamos em defesa o receio de entregar a obra aos livreiros e, em frações de segundos, obtermos o não. O que nos permite um jogo de luz e sombra capaz de fazer diferença em tempos de criação.

Sentimo-nos marcados ao redefinir o desconforto e tentar seguir com as palavras em movimento, o que, para Marcelo Coelho, *“No filme O príncipe, de Ugo Giorgetti, um personagem oportunista comemorava o fato de a cultura ter virado bom negócio no país... o segredo... era “promover eventos...”*.

É relevante expor preferências frente à nossa vontade na literatura que disfarçada, em oposição, ainda nos inspira o gesto. Contudo, a vontade não é detida nesta vida borbulhante, com tantas obras e autores. Por vezes, se apresenta conturbada, mas, com irresistível desejo de ler e escrever, para oferecer algo novo, capaz de transformar a mesmice, ao alcançarmos o leitor e aquietarmos a condição de desconforto.

Livros é a melhor estratégia para seguir com o plano de não viver na condição de desconforto, comparadas ao tempo de nos sentir bem por produzir literatura como cultura. Leonardo Munk diz, *“... em uma sociedade cujas maiores preocupações residiam na ostentação e na aparência elementos característicos... e assimilados pela burguesia ascendente... far-se-ia o desenvolvimento das artes com o intuito de promover a diversão de uma elite econômica ansiosa por esquecer os descontentamentos do cotidiano...”*.

## DO TEMPO: REFLEXO e REFLUXO

Reflexo não se encontra no espelho, mas, ao confrontar-se com suas sombras, fala com si mesmo. Cruza consigo nas atitudes, pela consciência das incertezas vividas.

Ao mexer com a própria imagem está denunciando o seu poder social, que manifesta com certa vivência e cultura. Isto é, recupera a espontaneidade, sem pressão histórica, e encontra o que traz dentro de si - o reflexo: realizado no clarear das horas, que sabe não se refletir agora, mas propõe a forma de percepção da realidade pelo homem. Nas palavras de Maria Helena Latini, *“O sonho / o baque / a brevidade // o relâmpago assustador / entre isto ou aquilo”*.

O reflexo não é só o itinerário da alma, é também o refluxo do tempo - como fragmentos multicoloridos, que assumem brilhos. O tempo se faz necessário na transformação. Parte da reflexão o fazer literário, como em Mansueto Bernardi, *“Fito-me diante do espelho... / minha face não me diz nada. / Miro-me na água corrente... / Mas o rosto continua estranho. / Mas se me olho nos teus olhos, / logo a imagem / ilumina e vivifica / a própria sombra do ser”*.

O reflexo, esse jogo de espelho, entre a criação e a obra, é sua maior sensação: momento feito para brilhar e também para transformar o refluxo do tempo como grande desafio. O que interessa e o que parece misterioso e inquietante é a busca de ideias. Assim, justificaria que o homem pode saborear a vida de maneira confiante e, ainda viver positivamente, fazendo do refluxo neste mundo sem tempo, um mundo imaginativo, contribuindo para o reflexo da criatividade e da realidade.

Em vários momentos surgem atitudes com liberdade criadora, moldando a qualidade de vida, porque a sombra é o avesso do reflexo e a vida só se completa com a luz. A criação é a renovação, depois vem o descanso e a realização. E ao refletir sobre o refluxo da vida, Pedro Du Bois escreveu: *“Quando jovem: reflexo no espelho / Agora: refluxo por inteiro”*.

## “O TEMPO não APAGOU”

Um país sem memória, não tem história. A história deve ser conhecida e construída com interesse cultural. Por isso, vale lembrar o poeta afro-descendente Francisco Solano Trindade (24.06.1908), o “*poeta do povo*”.

Foi o primeiro poeta brasileiro que soube interpretar com sentimento o verdadeiro sentido da poesia afrodescendente; fundador do Teatro Experimental do Negro (1945) e, ao lado do sociólogo Edson Carneiro, e do Teatro Popular Brasileiro (1950). Segundo o crítico Sérgio Milliet: “... *poucos fizeram tanto quanto ele pelo ideal da valorização do negro*”.

O primeiro livro de Solano foi *Poema de Uma Vida Simples*. Depois, lançou *Seis Tempos de Poesia*, *Cantares ao Meu Povo* e, por último, *Canto de Esperança*, onde deixou para nós algumas palavras mágicas: “*Estou conservado no ritmo do meu povo / Me tornei cantiga determinante. / E nunca terei tempo para morrer*”.

Nas palavras de Mario Quintana: “*O livro traz a vantagem de a gente estar só e ao mesmo tempo acompanhado*”. Então, sempre estaremos acompanhados de Solano Trindade, que nos deixou em 19 de fevereiro de 1974.

Ao resgatar a memória de Solano Trindade e a sua poesia, vejo grande oportunidade para conhecer melhor a genialidade de artistas que marcaram aquela época.

Para consagrar o inesquecível poeta, presto homenagem através do nosso querido sambista, Paulinho da Viola em *O Tempo não Apagou*: “... *teu nome em chamas no meu pensamento / Enquanto houver esta saudade / no meu peito / Só resta ao vento minha dor*”.

É com alegria que celebro esse encontro, pois, são pessoas como eles que valorizam a raça e tornam a nossa poesia literatura inesquecível e, na história, uma lembrança que não se apaga.

Escolhi Solano Trindade, para homenagear todas as pessoas que lutam contra a discriminação racial, porque numa escala de importância, ele, através dos seus poemas e das suas atitudes e ações, relacionou e fortaleceu valores relevantes. O desafio está no coração e, com exemplos como os de Solano, a vida resplandece e as dificuldades podem ser superadas com criatividade, investindo-se cada vez mais no conceito de valorização da vida e de cuidarmos melhor das ideias.

## HÁ TEMPO para a LITERATURA?

Vale perguntar se no cotidiano, com tantos compromissos, há tempo para a literatura? É preocupação marcante para as letras e a vida cultural definirmos um tempo para a literatura, para que a criação possa continuar sendo revelada e desvelada por nós leitores. Tal certeza nos leva a fazer melhor o dia atual do que o anterior, porque rompemos a limitação sobre as maneiras de (con)viver. Assim, em Agostinho Both, *“Acredito, não sei... se por influência de boas leituras e conversas, que o homem pode ser um pouco mais feliz no seu dia a dia, se for capaz de pensar sobre tudo o que acontece, tirar suas decisões e pôr-se em ação...”*

Ao semearmos o ideal e o benefício da leitura cultural encontramos palavras, autores, ideias e ideais como desejo de ultrapassar os limites da imaginação, onde a vida cresce diuturnamente, como na canção *O Tempo Não Para* de Cazuza.

O tempo passa e as obras literárias continuam marcando lembranças e descobertas. Ainda na visão de Agostinho Both, *“tenho dó de mim quando jovem e também dos jovens que passam por mim. Devoram a vida sem poesia”*.

Quando lemos, dialogamos com o tempo, pois, recorreremos à trajetória da curiosidade ao nos propor reflexões sobre as mudanças efetivas. Exemplifico: Por que Leminski é dos poetas mais lidos nos últimos tempos? Como José Saramago se tornou internacionalmente um dos nomes fundamentais nas letras? E, que dizer de Chico Buarque que, nos anos sessenta, para fugir da censura, foi obrigado a usar dois pseudônimos: Leonel Piva e Julinho da Adelaide? Anote-se que, quando descoberto o estratagema de Chico, a censura passou a exigir o RG dos compositores.

O significado da literatura é explicado por Joel Rufino no livro *Quem Ama Literatura, Não Estuda Literatura*, onde apresenta tentativas de repensar, através da ciência e da técnica, se a literatura é abordada como disciplina ou indisciplina.

O tempo traz mudanças: livro em papel ou digital? Mas, mesmo assim, para os amantes da literatura, a preocupação é a mesma: ler. Seja em tela ou papel. Ação que provoca e proporciona o prazer, muitas vezes inexplicável, de sorrir quando há tempo para a literatura.

Acredito que, o tempo e a tecnologia nos aproximam da literatura; através da internet podemos relembrar, conversar sobre obras e escritores em suas validades, a qualquer hora; juntar o passado e o presente que completam o cenário cultural, mesmo diante dos questionamentos sobre a realização e o processo de criação. Misturar palavras e expressões; o significado e o significante levam a avaliar o passado, entender o presente e preparar o futuro para preservar o tempo para a literatura. Agostinho Both expressa, “... *leu que só leu Érico Veríssimo e Guimarães Rosa. Entendeu o quanto ainda era pequena sua conversa e o pouco tamanho que tinha sua alma*”.

## EM TEMPO

*“Entendi que sem tempo não há movimento  
(ocupação de diferentes lugares em diferentes momentos).”  
(Jorge Luis Borges)*

Sou obcecada pelo tempo. Nunca sobra tempo, sempre falta. Não há tempo suficiente para as coisas importantes porque trato a vida como ponto de partida e não de chegada. Digo “sim” e o tempo “leva a culpa”, enquanto eu assumo os riscos.

Vivo excessos de “sim” e, com o tempo, vejo que essa não é a melhor opção. Cada vez que olho para o relógio sinto diminuir a minha satisfação; tenho a necessidade de me apressar, porque estou preocupada em confiar na vida. É paradoxal usar o tempo como medida impeditiva de me conectar comigo mesma; só penso em cumprir prazos e ajudar os outros.

Mas, de outro lado, tudo posso lembrar, recordar a tempo quando cantores e letristas me deixam como recompensa o fundamental para continuar em meu ritmo de vida, mesmo que nele não haja “muito” tempo para a realização de meu potencial.

A expectativa permanece quando relembro momentos, como nas letras de Chico Buarque, que marcam tempos sombrios se misturando com a alegria da inspiração. Chico me coloca em escolhas diferentes e ao mesmo tempo desesperadas, como na canção *Geni*, “... Quando vi nesta cidade / Tanto horror e iniquidade / Resolvi tudo explodir / Mas posso evitar o drama / se aquela formosa dama / Esta noite me servir...”, demonstrando um período de descontentamento e desentendimentos.

Já na letra de *Terezinha*, demonstra situações difíceis de acreditar que aconteçam, nas quais a melhor defesa é o “não”, “O primeiro chegou / como quem vem do florista //... Me encontrou tão

*desarmada / Que tocou meu coração / Mas não me negava nada / E assustada eu disse não...*

Muitas vezes digo “sim” quando desejo dizer “não”, o que acontece porque faço a vontade de terceiros, para ganhar tempo e encontrar meu verdadeiro caminho, mesmo que inicialmente me submeta ao capricho dos outros. Preciso rever meu comportamento em relação ao passar do tempo, para conseguir me expressar e ter a coragem de dizer “não”!

Associo o tempo como forma de compensar a falta de alguém, quando sinto saudades dos “bons tempos”. Só assim tenho liberdade para sonhar junto com o Chico Buarque, na letra de *Lígia*, “... *E quando eu lhe telefonei, desliguei foi engano / o seu nome eu não sei / Esqueci no piano as bobagens de amor / Que eu iria dizer, não... Lígia, Lígia...*”

Em tempo, olho para trás e vejo que dizer “não” é lutar pelos meus sonhos, verdades, certezas, convicções e filosofias. Dizer “sim” para mim mesma!



## JUNHO é TEMPO de QUERMESSE

Olho pela janela e vejo o vento assustando os passarinhos. É o inverno batendo à porta e com ele o frio, como retrata Carlos Pessoa Rosa, “*farfalham / palavras nos varais / experimento / um frescor frio nos lábios / o vento / agita poemas em meus dentes*”.

O mês de junho é tempo de quermesse. Comemora-se o dia de Santo Antônio (13), São João (24) e São Pedro e São Paulo (29). É cultura popular.

Com o tempo frio, pode-se brincar, cantar, dançar, comer pipocas e pinhões. As crendices populares estão ligadas a um pouco de magia, com velas, agulhas, bacias, bananeiras e fogueiras. É tradição pular fogueiras e tudo o mais que a criatividade e a crença mandarem.

Ventos me levam à noite de 12 de junho, e nessa noite nada é mais propício do que namorar, trocar presentes e fazer adivinhações. Véspera de Santo Antônio, dia de muita fé.

Augusto Magalhães disse que “*O santo casamenteiro está vivo e os namorados fazem hoje as adivinhações do amor...*” Santo Antônio leva a fama de ser casamenteiro. É dia de Santo Antônio e com certeza mil e uma rezas, agulhas, bacias, velas, enfim, os objetos caseiros que uma vez por ano merecem atenção especial. O santo não olha a quem faz o milagre. Ir-se-á sair casamento, não se sabe- melhor perguntar ao santo. E, a meia noite em ponto, para valer a crença, são feitas as adivinhações:

**para saber se irá casar - alho: plantar um dente de alho, se no dia seguinte o alho brotar é sinal de casamento; pedrinhas de carvão: das cinzas que ficarem da fogueira, pegar duas pedrinhas de carvão e colocá-las, separadas, num prato virgem com água; se amanhecerem juntas, também é sinal de casamento; agulhas: colocar duas agulhas virgens num prato com água, se elas se juntarem, casamento à vista;**

para saber o nome do(a) felizardo(a) - barquinho: fazer um barquinho de papel, depois, colar na borda de um prato virgem pequenos pedaços de papel contendo os nomes dos(as) pretendentes, encher o prato com água e colocar o barco e deixá-lo seguir o seu rumo e observar em que nome irá aportar; vela e bacia: à beira da fogueira, a meia noite, deixar cair alguns pingos de vela numa bacia com água, os pingos irão se juntar com a forma da letra inicial do(a) desejado(a); bananeira: à meia noite, enfie uma faca virgem no tronco da bananeira, ao amanhecer, verificar que letra foi formada pelo leite escorrido no tronco, a inicial do nome com quem irá casar.

Segundo a crença, o santo é quem sofre com tudo isso, por que alguns preferem colocá-lo de cabeça para baixo, para que ele revele os segredos do amor; enquanto o santo está amarrado pelos pés, pendurado por uma corda, os namorados estão trocando carinhos. Ruim para o santo, bom para quem namora.

Ventos sopram nas credices populares e a natureza retorna como tradição e conserva a história da nossa história, segundo Luiz de Miranda, “O vento é onde vibra a luz / que o caminho eu invento / com tua mão dentro da minha / onde só a estrela seduz, / destino que sempre se alinha”.

## O TEMPO e o CONTADOR de HISTÓRIAS

O tempo confunde o contador de histórias ou o contador de histórias se confunde com o tempo? Noto que as histórias quando recontadas mudam de época e de rumo. Fica confuso o que ele está tentando contar. O ouvinte diferencia uma da outra, mas, o contador de histórias mistura os fatos com a ficção e vice-versa. Encontro em Agostinho Both o conto, *O Tempo é Consequente*, que cita, “... *Carrego a ternura densa em mim. Que cada um tenha pra seus cuidados e para os seus o tempo necessário...*”

O contador de histórias que fica a mercê da memória é compreendido; mas o que fica a mercê da lembrança, se repete como se fosse em outro tempo. Não percebe a exatidão dos acontecimentos e, se distancia em seus pensamentos. Para Getúlio Zauza, “*O tempo é um raio / e se escoo num momento...*”

O contador de histórias diz do que lembra e, por vezes, lembra só o que quer ou o que gostaria que tivesse acontecido; pois, o tempo quando no passado lhe prega peças ao misturar as “estações”, o que o leva a transmitir em primeiro lugar as emoções e depois as reflexões sobre a história. Na verdade, por instantes, seu pensamento deveria se encontrar ou se situar no tempo, como Clarice Lispector retrata, “*Eu te invento, ó realidade*”.

Há momentos em que o contador se depara com a “cruel verdade”, ao provar da própria vida e do quanto de espaço ocupa no viver, como demonstra Pedro Du Bois, “*Na verdade nos preocupamos com o tempo: / e o nosso / tempo permanece / intocado na / infinitude do espaço, onde os / escolhidos / se lançam / em eternidades*”.

É isso mesmo, o contador pensa que conduz o tempo com as histórias e se recorda da vida com a certeza que lhe é permitida, para conviver ou sobreviver com as diversas exceções que se refletem no pensamento, como diz Cândido F. Ferreira, “*As mentes marcadas pela surpresa / De vidas desamarradas*”.

## MOMENTOS no TEMPO

As obras de arte ilustram nossos momentos no tempo através da linguagem, como na significativa representação dos gravadores de xilogravura, que vem a ser a técnica de gravação na pedra desenvolvida sem modismos. Carlos Martins escreveu que *“o que tudo isso reflete, evidentemente, é uma concepção de arte que não se preocupa em andar na moda - e sim em encontrar e conquistar seu próprio espaço”*. Na técnica da xilogravura, lembrando-me da arte como história, encontro os gravadores Lívio Abramo e Oswaldo Goeldi, que cultuaram a arte popular, assim considerada até os dias de hoje.

Momentos no tempo revela que Lívio Abramo detectou semelhanças na xilogravura, como arte versátil com elementos técnicos, próprios e característicos. Ainda, disse que *“a xilo é a arte da raiva”*, porque os gravadores entalham com força na rigidez das linhas. Lívio também organizou o livro *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos de Melo Franco, em 1946.

Um lado curioso do tempo é que com a xilogravura foram reveladas as culturas populares, principalmente, a nordestina, pois, a partir de século XX, a referida técnica passou a ilustrar os folhetos de Cordel.

Outro lado do tempo é lembrar o momento em que Mário de Andrade influenciou os xilogravadores a ilustrarem folhetos de Cordel, através do manifesto conduzido a uma geração de gravadores, onde a modernidade os ligou ao mundo quando a converteu em tema favorito, como arte popular. Para o cordelista Manoel Camilo dos Santos, *“Lá não se vê mulher feia / e toda a moça é formosa / alva, rica e bem decente / fantasiada e cheirosa, / igual a um jardim / repleto de cravo e rosa”*.

Momentos no tempo são percebidos através das obras de arte, que trazem essa marca registrada em cada performance e talento, como cultura tipificada através da xilogravura brasileira, expressada

no Cordel. Arte que trata de um mundo mágico em diferentes nuances, ao ser composta em harmônicas linhas, palavras e formas que representam imagens populares, com detalhes, no revelar as várias facetas do nosso Brasil.

Essa mescla entre a gravura e a literatura chega até nós como cultura, e se destacam como arte, porque vai de encontro à realidade ao buscar retratar a si própria. O cordelista Leandro Gomes de Barros expressa, *“O povo me chama grande / E como de fato eu sou / Nunca governo venceu-me / Nunca civil ganhou / Atrás da minha existência / Não foi um só que cansou”*.

## DOBRAS do TEMPO

Meu dia é uma caixa de surpresas. Passo lendo e relendo livros. Gosto do que faço. Chego passar vários dias sem sair de casa. Apenas passeio em imaginação. O difícil é driblar o tempo. Orídes Fontela escreveu que “.. *há um tempo para desviver o tempo*”.

Entendo como valorizar a literatura, porque ela me dá liberdade e é simples representação da passagem do tempo. Boa surpresa é o livro *Dobras do Tempo*, de Carmen Presotto, que mostra os passos da liberdade nas lembranças de um tempo que embalou encontros, onde *Uma Porta se Abre*: “... *degusto a vida entendida sob meus olhos. / Matizo essa grande aquarela e coloco uma foto minha na capa do livro. / Nele me vejo tão diferente. //... Números, registros e funções, palavras soltas ou / codificadas que abrem a porta para sair o que / quem sou*”.

*Dobras do Tempo* deixa claro que a mudança principal ocorre dentro de nós, em nossa alma, e mantém certo poder de encantamento, reproduzido em *Dobras Naturais*: “... *Dobras naturais / abrigo de madrugada / ao chegar o inverno, / não me deixes sem sol.*” Encontro detalhadamente suas memórias refletidas em *Fardos de Memória*: “... *Fabriqueei fortes paredes. / Isolei o vento, porém a casa aumentou. / Espiei a alma... / Perdi as fendas da infância. / Dou aos olhos outros caminhos.*”

Os poemas recordam um tempo presente que nos permite compreender o sentido da vida, como histórias entrecruzadas em sua passagem, *Passo da Liberdade*: “... *Rastreamos velhos fantasmas e / cicatrizando uma sangrenta história / perpetuamos nossas paradas...*”

Ao participar um pouco mais desse mundo temporal sinto sensações especiais, ainda, presenteada com momentos únicos, “*Se escrevo é para um dia renascer*” e “*um dia do futuro viveria sem mim...*”

Um mundo invisível onde existem segredos que vão além da imaginação; a superação realizando transformações, que nos levam a

uma viagem sonhadora, ao ponto de criarmos fantasias ao redor dos poemas, que tornam esses momentos, aonde os seus cantos vão além das portas e janelas, expressão dos dias, todos, aqui passados, iluminados em estelares caminhos.

*“... Recrio o inventado / revivo minhas criaturas / e me descalço dessa dimensão. // Feito anjo não caído / Sobreponho-me // Feito poeta / visto-me de humanidade.”*

## EM TEMPO: “SERÁ QUE ELE É?”

Quarenta anos depois, relato o meu melhor carnaval. Essa história transcorreu numa época em que a maioria das pessoas “pulava” carnaval nos clubes de suas cidades. Os bailes eram luminosos, elegantes e muito alegres.

Num verão, com os amigos e parentes, conversando sobre a próxima noite de carnaval, eu falei que as mesas e a entrada no clube seriam gratuitas se formássemos um bloco. Todos adoraram a ideia, mas com qual fantasia? Não tínhamos nada preparado ou organizado. E era para “hoje”!

Na praia de Albatroz (RS) não havia loja de tecidos e, muito menos, loja que vendesse fantasias. Também, não tínhamos pensado em um nome para o bloco.

Pensamos primeiro nas fantasias. Sugeri que arrancássemos as cortinas da minha casa e com o tecido confeccionássemos as nossas fantasias. Em mutirão, sem máquina de costura, todos trabalharam. Costuramos a mão, com a participação de todos, cada uma das fantasias.

De maneira pouco convencional, mas divertida, todos pareciam ter vida interior, como estrelas que brilhavam, quando completamos o trabalho. Foi momento único de muita “serpentina e purpurina”. Muita alegria devida à união entre os participantes; a satisfação de realizarmos um “capricho” e, ainda, guardarmos um “fiapo” de fôlego para começarmos os “feitos” no baile.

Prontas às fantasias, passamos para a escolha do nome do bloco. Escolhemos “Será Que Ele É?”. É o refrão do clássico carnavalesco “A Cabeleira do Zezé”. Todos sabiam cantar e os homens - na época - usavam cabelos compridos.

O bem da verdade, o nome foi escolhido porque não tínhamos certeza de que seríamos considerados como bloco. Também, porque a estrutura fonética, a voz, o som, o uso das palavras, tinham sentido



inovador, “pra frente”, como era o nosso pensamento. A marchinha foi lançada em 1964 e continua sendo cantada, transmitida de geração em geração.

Conseguimos os ingressos e as mesas. Nosso bloco fez o maior sucesso, fazendo com que nos sentíssemos modernos e “pra frentex”.

Em tempos momescos essa lembrança ficou para sempre como carnavais que não voltam mais: “Será Que Ele É?": *“Será que ele é bossa nova? / Será que ele é Maomé? / Parece que é transviado, / Mas isso eu não sei se ele é...”*

## HOMEM (no TEMPO)

Na vida do homem sempre há bons momentos de lazer e entretenimento, aliados à arte, cultura e história. O homem acredita nessa proposta e tenta ser organismo vivo que abrigue ideias e pensamentos na forma de obras intelectuais.

Essa classificação, por muitas vezes, torna-se contraditória no mundo moderno, porque esse mundo marginaliza a poesia como reflexão. Ao refletirmos, nos deparamos com o homem transcendendo a sua limitação, num tempo em que a objetividade é meta calcada sobre a sua relação com a modernidade. Nas palavras de Orides Fontela “... *tecem-se tempos / para um só ato / infindo*”.

A arte calcada na vida resgata o homem como agente do seu contexto vivencial. Eis o momento para conhecer e se reconhecer nas manifestações artísticas, como disse Oswald de Andrade, “*A poesia existe nos fatos... fatos estéticos*”. Leticia Raimundi Ferreira lembra que “*Na poesia, pois, a ênfase na presença da linguagem se faz através das figuras e estas, em função estética, marcam a presença irreal das coisas*”.

A arte e o bom gosto são para todos os sentidos. Como se lê na poesia, a vida do homem é constante renovar-se, inserindo-se historicamente na existência.

O poema é algo que traduz beleza estética e única sobre o momento. “*O homem nasce e se constitui como indivíduo dimensionado pelo ambiente que lhe é peculiar,*” segundo Telenia Hill. As palavras enriquecem a significação, como demonstra Joaquim Cardozo no poema, “*Homens de todas as jornadas; Chegaram e a chegar prosseguem: / Agora juntos se agasalham / Na mesma pele de silêncio, / contemplando as portas abertas. / / / / ... Cruzam o limiar trazendo / Poeiras de azul e de horizonte / Nos pés culpados de caminhos. / ... Homens de todos os passados, / Surdo silêncio de si mesmo, / Vazios*

*sons da pedra escutam: / Quietos rumores, choro da infância, / Riso de puras esperanças,...*”

O poema como obra de arte é síntese composta do pensar sobre a vida; ao ler uma obra literária é necessário refletir e discutir sobre as impressões deixadas pelo novo, porque o homem, em largo espaço da sua existência, está sempre em busca do derradeiro sentido da vida. Por isso, vaga na solidão das suas verdades, preso aos sentidos de suas ações, que o atingem até o indecifrável mistério da morte.

## NO RITMO, em TEMPO

“Há algo maior / que escrever / poesias // dançar”  
(Pedro Du Bois)

Desde tempos remotos, homens e mulheres são fascinados pela dança em salões iluminados. Usamos os sentimentos e respeitamos o nosso ritmo, que rodopia a alma e harmoniza a mente. Segundo Maria Helena Latini, *roda constante / Redemoinho? Rodopio / Gente gestos rostos / ... Fotos cores lembranças / caderno ternura canções / ... Danças promessas encontros / Desencontros mágoas / ritmo riso rascunhos...*”

Dançar é descobrir o próprio ritmo e ter a sensação que se confunde com provocação e diversão, na sequencia de ações que se completam e, ao mesmo tempo, inspiram, no dia a dia, ritmos com passos traçados em riscos, do envolvimento passado a se fazer presente. Como retrata Guillermo G. Infante, no livro *Delitos por Dançar Chá-chá-chá*, contos que refletem o sentimento da lembrança, do amor e da nostalgia, com ritmos harmônicos. Para Pedro Du Bois, “*O espaço reservado aos passos revolve o tempo e me confunde em movimentos; sou quem ouve a música no silêncio concentrado entre ouvir e ter a leveza do corpo ao me saber presente. Danço*”.

Qual o sentido real no experimentar a inquietação da dança como encontro e o desencontro, da entrega e recusa, e qual a satisfação que traz ao ser executada?

Cultivamos a prática da dança e a interiorizamos com a finalidade de vislumbrar sentido maior para a vida: seduzir a imaginação musicando ritmos para definir o que queremos em relação ao outro, porque criamos a necessidade de buscar a dança como divertimento. Encontro em Armindo Trevisan os contos do livro *A Dança do Fogo*, retratando movimentos eróticos.

De outro lado, a música tem vida e, quando dançamos, estabelecemos relação entre ela e nós, como prazer e lazer, ao sinalizar o desejo de conviver com outras pessoas. Como em Igor Fagundes, onde “*O poeta dança com as palavras / inventa passos / coreografias / ritmos // até // o primeiro tombo*”.

Assim como letra, música e poesia combinam, surge de forma perfeita, o que nos faz acreditar que a força do poema é onda universal na música. A música ao se valer da poesia (tornam-se parceiras) nos atrai para o movimento dos corpos na dança. Ao sentirmos o corpo flutuar; pés e mãos a girar se tornam a expressão do encontro, onde a solidão se desfaz, como nos livros: *A Recriação da Mágica*, de Pedro Du Bois e o *Livro da Dança*, de Gonçalo Tavares. Sempre, o corpo em movimento é a tradução do ritmo na música.

## PÁTINA do TEMPO

Pátina do tempo é o movimento das palavras que dá significado à obra literária: estilo e detalhes, onde palavras soltas, despojadas, dão o toque pela mistura de ideias e cores, formando uma ação perfeita.

Pode a literatura “despoluir” ao abrir o seu espaço? Penso que sim, porque ler é o encontro consigo mesmo; é uma das maneiras de treinar o olhar sobre a realidade e seus desafios. Por exemplo, Dyonélio Machado, escritor gaúcho que tem sobre si a expressão da literatura; pela ação do tempo; também, lembro Machado de Assis e quanto a sua escrita é contemporânea, porque toca as questões éticas e filosóficas inerentes ao ser humano em todas as épocas.

Porém, precisamos ir em frente, sem as constrangedoras obras de maus livros, que refletem prisões de outrora. Hoje, nas livrarias, encontramos mais volumes de maus livros do que de obras verdadeiramente literárias. Como disse Schopenhauer, *“Os maus livros são um veneno intelectual que destrói o espírito. Porque a maioria das pessoas, em vez de ler o melhor que se produziu nas diferentes épocas, limita-se a ler as últimas “novidades”, os escritores limitam-se ao círculo estreito das ideias correntes, e o público afunda cada vez mais profundamente em seu próprio barro”*; e, Márcio Catunda afirma *“Em livrarias que são cemitérios da cultura, / há editores assassinos da literatura //... Letras lidas com enfado, artes de enganar safado”*. Ainda, encontro em Gilberto Cunha, *“Um louco chamado Erasmo”*, ensaio sobre o livro de Erasmo de Rotterdam, que ele diz ser um dos livros mais famosos e, possivelmente, menos lidos da história da literatura. Esse jogo da literatura versus maus livros é destacado pela incrível manipulação do tempo, levando-nos à finalização dos atos.

Saliento ser possível mudar quando se sabe aonde chegar; é ferramenta poderosa, mas, o que realmente importa é a qualidade da

obra. Louis de Bonald ressalta que *“A literatura é uma expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do ser humano”*.

Na contramão, passo boa parte do tempo em companhia dos livros; fujo da mesmice, que a obra literária vem sempre acompanhada de vários tons, onde os escritores surpreendem pela profundidade das palavras e dos sentimentos. Deixo a emoção tomar conta, enquanto o olhar assume a sua postura e a minha voz se ausenta, como em Pedro Du Bois, *“Quando minha voz / se fizer ausência, entenda o silêncio / como prova da verdade. // Arrume as palavras deixadas / entre folhas, faça frases // e desordena parágrafos. // Minha voz ausente / estará diante / do esforço. Concentre sua hora / na descoberta dos traços”*.

Na pátina do tempo o viés de cada escritor varia com a imagem de suas referências e do movimento dado às palavras; todo processo de trabalho provém do universo criativo; aqui, cito Max Martins cuja obra, *“Para não Consolar”*, representou a renovação da literatura brasileira.

Escolher o que ler aguça a minha sensibilidade e me coloca no ritmo das palavras que desenham o pensamento do autor, assim, percebo a pátina do tempo, isto é, acrescento conhecimentos, exprimo emoções e, aos poucos, construo ideias e valores que dão graça ao dizer e viver; como encontro na crônica *“Para quem o autor escreve?”*, de Carlos Pessoa Rosa e, também, no texto de T. S. Eliot, de que *“Ao ano passado pertence a linguagem do ano passado. E as palavras do próximo ano esperam por uma nova voz”*.

Ao deixar o tempo passar, tenho a oportunidade de verificar o que ele traz e, assim, sobreviver na expressão literária, como força libertadora. Esse é o poder da literatura, que permite ao leitor interpretar seus interesses, modificando seu vivenciar - com deleite - no que retira de cada página. Para Luiz Fernando Emediato, *“Por onde anda o poeta, que poucos, senão uns iluminados conheciam?”*.

## CONVERSAR com o TEMPO

Como levar a sério a conversa com o tempo?

O tempo é palco dos acontecimentos com pequenas diferenças entre os dias. Aproveitamos o fiapo da memória como fragmento para recriar, reinventar e embalar a fantasia que acompanha a imaginação.

A história mostra o avesso do realismo e o pitoresco como esboço das mudanças, que talvez se sedimente dentro de cada um ou no relógio parado. Para Agostinho Both, *“O caminho da velhice vem com aparente discriminação, mas voluntariosa e irreparável”*.

Conversar com o tempo é abrir portas e janelas para recordar as peripécias dos dias; seguir para cá e para lá e encontrar outro amanhecer. No meio do caminho, contar inverdades e passarmos mais um dia com a vida voltada para o acaso.

Contar o tempo é sentir medo e emoção; descobrir a diferença ao caminhar na contramão da beleza, que resiste ao tempo, sem deixar os valores do passado, que direcionam nossas atitudes. Assim, como para Agostinho Both que, nos últimos anos, dedica-se aos estudos sobre o envelhecimento, através da ambiguidade humana e seus conflitos; a trajetória para se chegar a velhice: lembranças, convivência, crenças e culturas - todos - tecidas pela memória e desveladas nas obras: *O Lugar e o Tempo de Juvelino Messias Pampa; Excesso das Almas e das Coisas; Pequenos Seres da Terra; Sonhos Pedagógicos da Professora Antônia e Conversas com Velhos*. Agostinho se apodera do tempo e nele se retrata, pois, quando fazemos o que gostamos, revelamos o que nos encanta e espanta.

Conversar com o tempo é buscar nos sentidos a existência para viver a ventura de novos caminhos, pois somos mantenedores de nossas vidas. Desafiamos o tempo para envelhecer com respeito e dignidade e, não por acaso, descobrir o novo sem (muitas) restrições. Nas palavras de Both *“... a velhice é um tempo que reúne, de uma vez,*



*sonhos, angústias e alegrias que podem ser mais intensos porque finalizam a escrita dos sujeitos”.*

Conversar com o tempo também é olhar para as rugas, como única denúncia, porque não estamos preparados para revelar a idade em sua significação. É comovente e ao mesmo tempo preocupante a passagem dos anos; não queremos perder tempo com a falta de foco, mas, sim, conversar com o tempo para produzir e fazer o que gostamos, sem nos entregar às dificuldades e restrições que a idade biológica apresenta. Como demonstra Agostinho, “... *os aplausos ainda soavam aos ouvidos... era quarta-feira e não se cansava de falar sobre sua emoção de ser madrinha de um sino de som tão belo. Comentava orgulhosa que seu sino se adaptava aos momentos que anunciava*”.

Conversar com o tempo não é julgar, mas, aceitar as diferenças nas dobras do tempo, para não sentir a melancolia do envelhecimento, como revela Agostinho, “... *velho pode falar do jeito que quiser, tem muito a perder, já fez muito e não carece de aplausos*”.

Conversar com o tempo é projetar o amanhã na tentativa de partilhar o melhor do que aspiramos, para provar que a alegria de viver, vigor e disposição tem a ver com a satisfação pessoal e a maturidade de cada um, no que chamamos de o “apogeu” da idade. Verdade ou não, o fato é que temos a chance de assumir o nosso estilo na virada da idade e de atuar na vida sem medo de ousar, mudar e cruzar fronteiras temporais para levar a sério o que conversamos.

## NATAL: TEMPO dos DESEJOS

“O nosso menino / Nasceu em Belém. /  
Nasceu tão somente / Para querer bem...”  
(Manuel Bandeira)

Um piscar de olhos e estamos no Natal: dezembro, mês da reflexão e dos desejos. É o momento para recriar e inovar caminhos, para aumentar o nosso bem estar com a satisfação por fazer parte da vida.

O Natal tem a cor da alegria; encanto da magia que se mistura com nossos desejos. Seu espírito tem o dom de espalhar o amor. Como no livro infantil “*A Véspera de Natal*” - uma história para tocar e sentir, de Clement C. Moore e Debora Jones.

Todos os anos se repete o brilho do Natal em nossos corações: sentimos a felicidade no suspiro da emoção. Pensamos em dias melhores, em que as horas passam sem percebermos o tempo, onde vidas se cruzam enquanto nos confraternizamos no Natal. É legal customizar os nossos desejos: amando, entendemos o gesto puro, quando doamos o tempo, sorrimos e oferecemos um abraço. Para Armindo Trevisan, “... o Natal deve ser uma festa alegre... O que torna feliz o homem é a fé, a esperança e o amor... Compreendamos, sem retórica, que o Natal é a festa da intimidade... que nos liga à nossa infância, e que nos conduz da vida que hoje vivemos,... verifico que esse maravilhoso fio nos conduz sempre a uma “outra vida”, a uma outra infância: a que desejaríamos ter vivido”.

Lembro-me dos natais em que reuníamos amigos e familiares. A árvore era grande, colorida e decorada. O Papai Noel chegava carregado de presentes. A ceia servida a todos e assim sentíamos a leveza no desejo pela comemoração: união e carinho.

Sabemos que sempre haverá uma lágrima para sentirmos ser o tempo passado lembrado com a mensagem do Natal, onde o sonho e a poesia descrevem o tempo da magia na luz brilhante da estrela guia. No reflexo da lembrança que o desejo nos embala no Natal e renascemos na canção do vento. Armindo Trevisan disse que *“Como poeta, também me arrisquei a escrever poemas de Natal. Como não escrevê-los uma vez que o poeta também foi criança?...”*. Charles Baudelaire completa ser *“A poesia é a infância reencontrada”*.

O símbolo *mais* natalino reside no desejo de cada um; é referência, fantasia e magia de infância. São bons momentos, aliados à transmissão de valores sentimentais e fundamentais, que alimentam a nossa alma e dão à imaginação plenos poderes para que enfrentemos os desafios da realidade. Revivemos a magia da infância ao confirmar a solidez dos traços que nos unem no Natal, como em Ruben Braga no livro *Nós e o Natal*.

Ao dizermos em palavras simples que o *Papai Noel* representa a bondade e a solidariedade, estamos nos encorajando a reviver o encanto do Natal e, misteriosamente, surpreendemo-nos na descoberta da verdade: *Papai Noel* não existe e, mesmo assim, alimentamos a imaginação das crianças ao ajudá-las a lidar com a realidade, porque experimentam a sensação de enfrentar novas situações e mistérios do que ainda não compreendem; atitude que lhes permite olharem para o lado da fantasia, no trabalhar, antes das significações e dos conceitos, o desejo de *existir*.

O Natal é reviver a magia da infância; a ilusão que ilumina e clareia nossas vidas, como demonstra Cris Dakinis, *“Um feliz Natal / pro povo do bem / pra quem é alguém / que se for igual / ao Próximo que vem, //... sonhos ideais... /São anos iguais? / / / /... Pro ano que vem, / sonhe com vontade / um Natal de verdade / e Amigos Iguais. / Precisa de mais?...”*

## TEMPO da VIRADA

O tempo cultua a hora certa da virada do ano com um toque de elegância, uma pitada de cores e o carinho dos amigos, tudo traduzido em festa. Entramos no clima, encantamo-nos com a esperança e ganhamos a luz para encarar o próximo ano. Segundo Maria Cecília Castro, “... *Em cada passo, / Um pedaço de vida. / E em cada abraço, / Um pedaço de afeto*”.

Outro ano para enfrentarmos com reflexão, para quebrar paradigmas e inovar o comportamento. Cumprir promessas. Lembrar do amor e da compaixão, permitindo-nos desvendar o segredo da emoção ao acreditarmos que no próximo ano poderemos mudar de direção e alterar velhos padrões de comportamento, porque é importante inserir a felicidade no nosso cotidiano, como bem coloca Affonso Romano de Sant’Anna, “... *Vem, Ano Novo, vem veloz, / vem em jatos de luz moderna, vem, / paira, desce, habita em nós, / vem com fitas multicoloridas, rebecca, / vem com uva e mel e desperta / em nosso corpo a alegria, / escancara a alma, a poesia, / e, por um instante, estanca o verso real...*”

Repensar a vida, compartilhar a hora da virada é o começo para renovar o projeto de vida, portanto, o ano novo merece a nossa atenção para tornar o encontro em momento especial de paz e união. A magia está em toda a parte, o segredo é enxergá-la e, sobretudo, colocar a questão: somos felizes? Getúlio V. Zauza diz, “*Vejo o ser humano navegando na ilusão / num sonho que acreditava ser real... / E no sonho fantasia ter muita importância. Acredita ser o que não é e “vive” a cena...*”.

Na obscuridade do tempo sentimos a única liberdade em que temos a força do pensamento, que é a consciência que nos dá a capacidade para valorizar a vida. Dizemos que a imaginação acende a escuridão e essa mesma luz nos guia em todas as direções, como expressões que nos tocam. O importante é cantar e ouvir o som da

festa com alegria de quem está descobrindo que a vida é boa, mas pode melhorar.

Damos ritmos aos ventos e compartilhamos os significados dos símbolos que se perpetuam na hora da virada. Guardamos o nosso rumo na transparência do tempo. Guardamos a eternidade no momento em que olhamos o horizonte; vivemos a palavra e a lembrança na flexibilidade da emoção. Guardamos na memória a hora da virada, porque ela é a nossa companheira no tempo. Pelas glórias e esperanças, vivemos a alegria do ano de horas puras pelas loucas (des) venturas. Novamente, Affonso Romano Sant’Anna, *“Vai ano velho, vai de vez, / vai com tuas dívidas / e dúvidas, vai, dobra a ex- / quina da sorte...”*

A hora da virada nos desperta através do clarim que nos convoca para sonhar. Desperta a paz e as vitórias e nos acorda da coragem que dorme. Desperta o coração para amarmos o presente e o futuro ao reconhecer as nossas virtudes e a história que contamos dos tempos de louvores. Desperta os símbolos trazidos pelas tradições onde guardamos a razão. Nos desperta nas canções para encontrarmos o caminho da liberdade. Desperta a verdade que reflete o sentido em torno de nós. Desperta o bem querer, tornando as cenas da vida referência aos que sabem o quanto a abraçamos com amor. Desperta o tempo de colheita, onde vemos o lado em que palpita a vida, infinitamente... Como em Domingos Pellegrini, *“... Mais obrigado por dar ao presente / este gosto curtido de passado / já com cheiro do instante seguinte”*; e Manuel Bandeira, *“...Nem tua pureza. Nem tua impureza. / O que eu adoro em ti - lastima-me e consola-me! / O que eu adoro em ti, é a vida”*.

No entanto, na hora da virada, os desejos são calados e apenas dizemos: FELIZ ANO NOVO!

## TEMPO: SOM ABSTRATO

Mia Couto pergunta, *“Este silêncio tão vasto como posso fotografar?”*

Recortes de paisagem têm contornos nítidos feitos pela natureza, que ajustados ao silêncio formam o perfeito cenário das sensações: retrata o tempo e não fotografa a emoção. Para o poeta Gilberto Mendonça Telles, *“... No talhe de uma lenda ou sonho ou dia de muito sol e vida, ela some / na própria essência...”*.

É o momento em que a vida se torna bela com poder de encantamento por tudo o que a natureza nos oferece, inclusive, para medir o tempo até o momento em que expressamos nossas preferências. Desta forma nos mostramos verdadeiros e, essa atitude, essa verdade é a suprema beleza que não podemos registrar no papel, apenas na memória - que responde através dos sentidos - como fato operado em nossa lembrança.

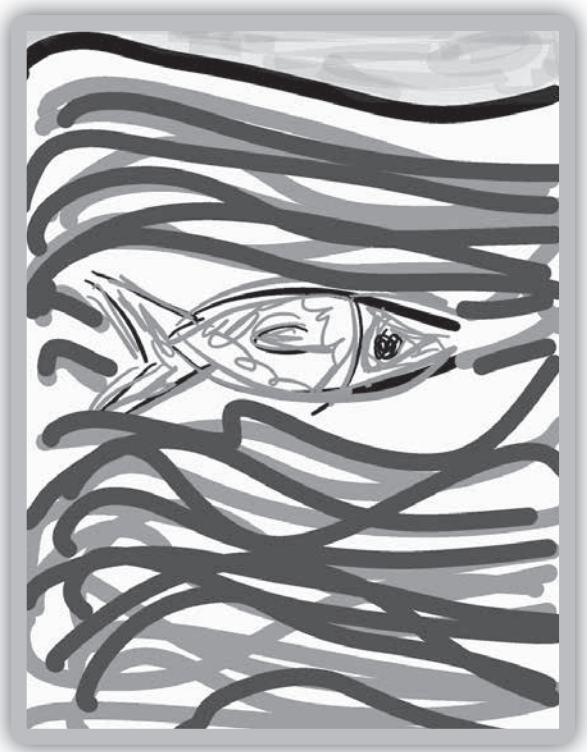
Para a nossa felicidade, quanto mais andamos na direção da vida, mais sentimos a sensação do bem estar, porque cruzamos a porta onde o vento traz a poeira e com ela o som abstrato da natureza. Nas palavras de Pedro Du Bois, *“ciscos trazidos pela vida na passagem do vento”*.

É sensação indescritível o prazer de vagar pelo mundo do silêncio e encontrar o tempo para abrir o coração enquanto relembramos o som da vida; como nos escritores Lêdo Ivo, *“Não sei soletrar / as letras que o vento / escreve nos muros...”* e Carmen Presotto, *“Sons da vida / coisas do ar // metamorfose de meias verdades...”*.

Em volta do som abstrato encontramos o silêncio no ouvir o burburinho do tempo ao contemplar a chuva bater na vidraça; o grito da saudade como dor; o horizonte apenas como magia, sem a lente fotográfica para registrar o nascer e a aurora do novo dia.

No silêncio abstrato buscamos a “voz” da emoção, o canto do vento para inundar a nossa vida em detalhes, como questiona Amós Oz, *“Quem sabe este seja o som abstrato, impessoal, do sofrimento em si mesmo?”*.

"A sensibilidade trava o traço / reduzindo o espaço /  
que as letras ultrapassam"  
(Pedro Du Bois)







[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



[grafica@berthier.com.br](mailto:grafica@berthier.com.br)  
(54) 3313-3255



**TÂNIA DU BOIS**, residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em diversos portais, sites e blogs literários. Organizadora e revisora de textos; capista de livros. Participante do Projeto Passo Fundo (RS). Autora dos livros *Amantes nas Entrelinhas*, *O Exercício das Vozes*, *Autópsia do Invisível*, *Comércio de Ilusões* e *O Eco dos Objetos - cabides da memória*.

Entre uma arte e outra, posso dizer que é o fruto da percepção, que faz voltar o nosso olhar para preencher o sentido da nossa existência. Inevitável não nos reportamos a nossa opção como retrato da nossa capacidade no cotidiano: a arte em movimento.

ISBN 978-858326228-2



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apóio à cultura

**Domínio Público**  
Material digitado e disponibilizado em software livre

